

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA E ESPAÇOS**

**Alessandro Teixeira Nóbrega**

**A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DOS MITOS: Dix-  
sept Rosado, o herói imolado**

**NATAL**

**2007**

**ALESSANDRO TEIXEIRA NÓBREGA**

**A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DOS MITOS: Dix-  
sept Rosado, o herói imolado**

Dissertação apresentada à Banca  
examinadora da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte,  
como exigência parcial para a  
obtenção do Título de Mestre em  
História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida  
Maria Dias de Oliveira

NATAL

2007

**ALESSANDRO TEIXEIRA NÓBREGA**

**A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DOS MITOS: Dix-sept Rosado, o herói imolado**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em História e espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/2007.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profª Drª Margarida Maria Dias de Oliveira - UFRN**

Presidente (Orientadora)

---

**Profª Drª Maria da Conceição Fraga – UFRN**

Membro

---

**Profª Drª Rosa Maria Godoy Silveira – UFPB**

Membro

## RESUMO

Essa pesquisa compreende um estudo sobre os valores e ideais atribuídos a Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense. Pesquisadores locais demonstram como a Coleção Mossoroense constrói uma imagem de Mossoró, formando nos membros da cidade uma identidade com o lugar, uma coesão social ou criando uma forma de ver e dizer da cidade de Mossoró. A Coleção Mossoroense, através de Vingt-un Rosado juntamente com sua família, só conseguiu estabelecer uma forma da população mossoroense de se ver e de se identificar com a cidade porque associou e foi, ao mesmo tempo, um movimento social (festas cívicas por exemplo), político (a dominação da família) e cultural (os livros e as peças teatrais sobre a cidade). A conjunção da Coleção Mossoroense como e com um movimento social, político e cultural foi capaz de estabelecer uma identidade social, um “constituente subjetivo”. Com esse conhecimento básico, pôde-se partir para o estudo da imagem que a Coleção Mossoroense atribui a Dix-sept Rosado, realizando-se uma análise do discurso das obras de e sobre Dix-sept Rosado na Coleção Mossoroense fundamentado em Bakhtin (1989) e Bourdieu (2000). A imagem de Dix-Sept Rosado foi construída pela Coleção Mossoroense depois de sua morte e seu responsável foi Vingt-un Rosado, que ficou na direção da Coleção Mossoroense até 2006, ano de seu falecimento. A Coleção Mossoroense construiu uma imagem de Dix-sept Rosado enquanto um homem empreendedor, progressista e inovador, de grande capacidade de liderança e oratória (um “condutor de multidões”), popular e carismático, um político honesto e dinâmico. Essa imagem construída pela Coleção Mossoroense, apesar de ao realçar em demasia as qualidades de Dix-sept Rosado tem como objetivo transmitir uma imagem de um personagem heróico, tem alguma relação com a realidade. Dix-sept Rosado foi um homem identificado com a sua localidade. Isso pode ensejar um nacionalismo regional, um certo bairrismo. As atitudes de Dix-sept Rosado devem ser compreendidas dentro do contexto social mais amplo, de uma época marcada pela política populista. Qualidades inclusive, apreciadas e desenvolvidas dentro de um contexto histórico específico e determinado nacional e localmente. A Coleção Mossoroense realça as qualidades de Dix-sept Rosado para que os políticos atuais da família Rosado possam estabelecer um elo de continuidade em suas práticas políticas contemporâneas.

Palavras-chave: Coleção Mossoroense. Dix-sept Rosado. Mossoró.

## ABSTRACT

This research comprises a study on the values and ideals attributed to Dix-sept Rosado, by the *Coleção Mossoroense* journal. Local researchers demonstrate how the *Coleção Mossoroense* constructs an image of Mossoró, forming in the members of the city an identity with the place, a social cohesion or creating one forms to see and to say about the Mossoró city. The *Coleção Mossoroense*, through Vingt-un Rosado together with its family, established a form of seeing and identifying of the Mossoró's population with the city, just because it associated and it was, at the same time, a movement at the same time social (civic parties for example), political (the domination of the Rosado's family) and cultural (the books and theatrical parties about the city). The conjunction of the *Coleção Mossoroense* as and with a social movement, cultural and political was capable to establish a social identity, a "subjective constituent". With this background, it was possible to make a study of the image attributed to Dix-sept Rosado, by the *Coleção Mossoroense*, through an analysis of the inherent discourse in the works by Bakhtin (1989) and Bourdieu (2000), of and on Dix-sept Rosado in the *Coleção Mossoroense* based on. The image of Dix-sept Rosado was constructed by the *Coleção Mossoroense* after its death, and the responsible for this was Vingt-un Rosado, which was the chief-editor of the *Coleção Mossoroense* up to 2006, year of its death. The *Coleção Mossoroense* built an image of Dix-sept Rosado as an enterprising man, progressive and innovator, of great capacity of leadership and oratory (a "conductor of the crowds"), popular and charismatic, an honest and dynamic politician. This image made by the *Coleção Mossoroense*, although when enhancing in surplus the qualities of Dix-sept Rosado have as objective to transmit an image of a heroic personage, it has some relation with the reality. Dix-sept Rosado was a man identified with its locality. This can resemble a regional nationalism. The attitudes of Dix-sept Rosado must be understood inside of a broader social context, of a time marked by the populist politics. Qualities also appreciated and developed inside of a specific historical context and determined both national and locally. The *Coleção Mossoroense* enhances the qualities of Dix-sept Rosado so that the current politicians of the Rosado's family can establish a link of continuity in its contemporary political practice.

Keywords: Coleção Mossoroense. Dix-sept Rosado. Mossoró.

## AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho de pesquisa geralmente envolve o incentivo e a contribuição de diversas pessoas. Desde a pessoa que lhe informou sobre a abertura do processo de seleção para o Mestrado, os que o estimularam insistentemente a se submeter à seleção até os que lhe ajudaram na preparação final da dissertação.

A todas elas, eu sou muito grato.

Mas gostaria de especificar meu agradecimento a algumas pessoas.

Aos professores José Romero e Lemuel Silva, pelas discussões que me ajudaram na elaboração do projeto. Aos meus colegas de trabalho do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) por terem me possibilitado cursar o Mestrado em História e Espaços.

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Margarida Dias, sempre muito paciente e tolerante, que me ajudou a galgar o curso até o final com persistência e tranqüilidade. Juntamente com ela, gostaria de agradecer as orientações do professor Dr Lacerda Felipe durante a qualificação, pois foram fundamentais para o direcionamento da pesquisa. Que ambos me perdoem pelos desvios comuns aos discípulos.

À Deriscleia Ramos Nóbrega, por ter continuado ao meu lado na realização deste trabalho, pelos incentivos e a revisão gramatical. A elaboração do resumo em inglês, agradeço ao prof. Dr. Dory Hélio Anselmo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Ao professor Dr. Fernandes Marinho, apesar de sua posição social importante e vasta cultura, ser humano extremamente acessível, generoso e bastante solícito ao me permitir pesquisar em sua biblioteca particular. Inclusive, uma das mais importantes bibliotecas particulares do Rio Grande do Norte. No acervo bibliotecário e nas suas boas orientações em que tentou passar um pouco de sua vasta experiência em pesquisa, o professor Marinho ajudou-me bastante.

Em especial, gostaria de agradecer a minha mãe Fátima Nóbrega, a avó Alice da Costa, aos meus tios Roberto e Reginaldo aos quais dedico essa dissertação pois na verdade foram eles os responsáveis por eu ter conseguido tudo na minha vida até aqui e no futuro, uma vez que, para alguém estudar, é preciso outras trabalharem. Agradeço-lhes pela dedicação a minha educação, base de todas as

minhas conquistas, e lhes sou grato por terem sido meus referenciais de personalidade. A todos eles eu sou infinitamente grato.

Aos meus colegas de turma do Mestrado, pela companhia fundamental para a troca de experiências, em especial a Juciene, pelo simples motivo de ter me dirigido a palavra certa na hora exata.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em História e Espaços, pela contribuição e importância para o desenvolvimento do trabalho.

À minha filha Beatrice, pela supervisão ao cumprimento dos meus horários de estudo.

Para minha mãe Fátima, minha avó Alice e meus tios Roberto e Reginaldo,  
responsáveis pela minha educação e referenciais da minha personalidade.



*“[...] Esta terra é minha terra! Esta gente é  
minha gente! Aqui estão fincadas as raízes  
do meu coração!”*

*Dix-sept Rosado*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 POR QUÊ DIX-SEPT ROSADO?</b> .....	19
2.1 ANTECEDENTES .....	19
2.2 UMA EDUCAÇÃO PARA A LIDERANÇA ILUMINISTA.....	20
2.3 A VISÃO REGIONALISTA DA ÉPOCA.....	22
2.4 A FORMAÇÃO DE UMA OLIGARQUIA POLÍTICA.....	27
2.5 A IMPORTÂNCIA DE DIX-SEPT ROSADO.....	29
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	33
3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO FUNDAMENTADO EM BAKHTIN.....	33
3.2 O ESPAÇO COMO UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	36
3.2.1 <b>A relação dos discursos com a realidade</b> .....	39
3.3 AS TRADIÇÕES NA INVENÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE.....	45
<b>4 A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DO MITO</b> .....	52
4.1 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA COLEÇÃO MOSSOROENSE EM HISTÓRIA.....	52
4.1.1 <b>O papel político da coleção mossoroense</b> .....	53
4.2 A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NA IDENTIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DE MOSSORÓ COM A HISTÓRIA DA FAMÍLIA ROSADO.....	61
4.3 A COLEÇÃO MOSSOROENSE NA CONSTRUÇÃO DA INTEGRAÇÃO SOCIAL.....	63
<b>5 DIX-SEPT ROSADO O HERÓI IMOLADO</b> .....	67
5.1 A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE DIX-SEPT ROSADO.....	67
5.1.1 <b>As qualidades do empresário transportadas para o político</b> .....	68
5.1.2 <b>Dix-sept Rosado inovador e progressista</b> .....	72
5.1.3 <b>O político honesto</b> .....	74
5.1.4 <b>Liderança, carisma e popularidade: o condutor de multidões</b> .....	75
5.1.5 <b>A educação popular e o audacioso plano cultural de Dix-sept Rosado: a batalha da cultura</b> .....	78
5.1.6 <b>Dix-sept Rosado e o populismo: crise das oligarquias políticas locais</b> .....	81
5.1.7 <b>A saga do sacrifício: Dix-sept Rosado, o herói imolado</b> .....	82
<b>6 CONCLUSÕES</b> .....	86
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	89

## 1 INTRODUÇÃO

Mossoró é uma cidade singular. Os sentimentos de pertencimento ao local são tão fortes nesta cidade que as pessoas que chegam para trabalhar, morar ou estão de passagem mas têm a oportunidade de ficar um instante, são acometidas constantemente de um sentimento de “estranhamento”. Percebe-se realmente como um verdadeiro estranho, um “estrangeiro”.

Essa situação desperta curiosidades, sendo muito discutida pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Formada por pessoas de várias cidades, é muito comum o “estranhamento” da cidade pelos docentes da UERN. Nesse sentido, o esforço em compreendê-la é comum aos seus professores.

Mossoró é a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte e tem uma importância muito grande para o Estado como uma das cidades maiores produtoras de petróleo do País.

Há muitas hipóteses sobre a origem do nome da cidade de Mossoró. Para alguns, como segundo o sítio da Prefeitura de Mossoró o historiador Antonio Soares, refere-se a corruptela do nome indígena do rio (mô-çoroc). Semelhante opinião encontra-se em Ferreira (1989). Outros se referem a corruptela do nome de uma árvore, mororó, como por exemplo, também no sítio da Prefeitura, Saldanhas Marinho.

Uma hipótese muito utilizada é de que o nome da cidade de Mossoró adviria dos primeiros habitantes, os índios cariris moxorós (CASCUDO, 1984). Os moxorós, no começo do século XVIII, foram expulsos de suas terras e obrigados a irem para a Serra dos Dormentes, em Portalegre. Em 1749, vencidos pelos paiacus, dispersaram-se sendo seus membros absorvidos por outras tribos.

A cidade de Mossoró, como outras cidades do interior do Nordeste, tem sua origem ligada aos caminhos de gado, a pecuária. No início, 1739, os primeiros colonos são da fazenda de gado Santa Luzia. A povoação vai se formando lentamente às margens do rio Apodi-Mossoró, onde é edificada a capela de Santa Luzia (1772).

O impulso a povoação vai ser dado em 1857 com o deslocamento do comércio de Aracati para Mossoró. Isso ocorreu devido o assoreamento do porto fluvial de Aracati. Comerciantes que usavam esse porto para escoamento de suas mercadorias transferem suas firmas e atividades para Mossoró. A partir desta data

os navios passam a fazer escala na Barra do rio Apodi-Mossoró nas imediações de Areia Branca. Nesse ponto, recebiam as mercadorias embarcadas no porto fluvial de Mossoró, Santo Antonio, e desciam o rio para transferir suas mercadorias para os navios fundeados na Barra do rio Apodi-Mossoró.

Os comerciantes, a maioria estrangeiros, faziam com que Mossoró tivesse predominância no comércio através do seu porto de fundo fluvial (porto de Santo Antonio), do qual as mercadorias vindas da Europa, Recife, Rio de Janeiro e Salvador chegavam e saiam por meio da ligação com o porto de Areia Branca. Mossoró era um centro regional de importação/exportação de mercadorias. Isso forneceu aos comerciantes, desde o início, uma predominância sobre os fazendeiros pecuaristas.

O porto de fundo fluvial Santo Antonio torna-se tão importante para os comerciantes de Mossoró que qualquer coisa feita para melhorar o porto e a navegação fluvial, estava sempre inscrita nos seus interesses. Como por exemplo, a retificação do rio Mossoró onde se utilizou muito da força de trabalho dos flagelados da seca.

As secas garantiam aos comerciantes um contingente enorme de retirantes que eram explorados como força de trabalho barata. Estas pessoas eram atraídas para Mossoró devido a que, como centro comercial da região, era a cidade mais rica do perímetro. Praticamente, os emigrantes da seca trabalhavam de 10 a 12 horas de jornada de trabalho em troca apenas de um pouco de alimento – este fornecido pelos programas de emergência do governo central.

A riqueza da cidade atraía a população de modo que acelerou o crescimento de sua povoação, elevando em 1852 a vila à condição de município. E em 1870, com o crescimento de sua área urbana, o município alcança o status de cidade. Neste momento, Mossoró encontra-se como centro comercial da região. Mossoró mantinha relações comerciais, além das cidades já citadas, com grande parte do sertão do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará. Essa situação de Mossoró como centro comercial, dará uma predominância aos comerciantes na história da cidade, o que é singular em uma região em que é comum a dominação dos fazendeiros pecuaristas.

A economia da cidade era complementada pela extração do sal e a produção de carne seca.

O atraso da construção da estrada de ferro impediu a dinamização do comércio da região, levando-o à estagnação. Os capitais acumulados então, foram direcionados de um comércio que não se dinamizava para outras atividades como as agroindústrias algodojeiras, cera de carnaúba ou refinadoras de sal que davam mais lucros no momento.

É nesse instante que o porto de fundo fluvial perde sua importância e as barragens submersíveis construídas para semiperenizar o rio no perímetro urbano e nas suas proximidades, vai impedir as penetrações das marés, pondo fim ao porto Santo Antônio. É o início do predomínio do comércio do algodão<sup>1</sup>.

Em 1927 a cidade de Mossoró vivia um novo período de expansionismo comercial e industrial. Possuía o maior parque salineiro do país, três firmas comprando, descaroçando e prensando algodão, casas compradoras de peles e cera de carnaúba, contando com um porto por onde exportava seus produtos e voltando a ser um empório comercial, mantendo o comércio com a região oeste do Estado, algumas cidades da Paraíba e Ceará.

A população da cidade andava na casa dos 20.000 habitantes, era ligada ao litoral por estrada de ferro que se estendia ao povoado de São Sebastião, atual município Governador Dix-Sept Rosado. Contava ainda com estradas de rodagem, energia elétrica alimentando várias indústrias, dois colégios religiosos, agências bancárias e repartições públicas.

Com a falência das agroindústrias e mecanização das salinas na década de 60 do século passado, Mossoró é atingida por uma crise aguda na economia. O desemprego em massa traz tensões sociais graves à cidade.

A classe dominante passa a redirecionar seus capitais para os serviços, impulsionando a indústria de construção que vai empregar a força de trabalho desempregada pelas agroindústrias e pela mecanização das salinas.

Mossoró até o momento vive da prestação de serviços, algumas indústrias (Usibrás), mas principalmente sobrevive dos royalties pagos pela exploração do petróleo pela Petrobrás. Mantém ainda atividades agrícolas e pecuárias tradicionais.

Esta aparente diversificação da economia, na verdade, demonstra a sobrevivência de um passado não superado devido ao atraso da industrialização e da mecanização das atividades da cidade.

---

<sup>1</sup> Segundo Paiva Neto (1995, p.06) Mossoró passou pela predominância de várias produções econômicas: pecuária, comércio, algodão e sal.

Dix-sept Rosado foi escolhido como objeto de pesquisa devido a sua importância para a família Rosado. Como empresário de sucesso, foi o responsável pela riqueza da família, garantindo uma situação financeira confortável aos seus membros.

O sucesso empresarial e a crise dos chefes locais conduziram Dix-sept Rosado para a política. O sucesso empresarial foi repetido no sucesso político ao Dix-sept Rosado obter uma carreira eleitoral de ascensão meteórica. Em apenas três anos ele alcançou a prefeitura de Mossoró e o governo do Estado do Rio Grande do Norte. Como único membro da família Rosado, até o momento, que alcançou o posto político mais alto do Estado, Dix-sept Rosado é venerado e querido pelos seus parentes.

Dix-sept Rosado é uma unanimidade entre seus familiares ao ponto de sua imagem ser capaz de unir as diferentes frações em que se dividiu a família Rosado, como aconteceu em 2001 no seminário que comemorou 50 anos de seu governo e 90 anos de seu nascimento.

A Coleção Mossoroense não inventa, no sentido de criar do nada os aspectos históricos nos quais constrói uma imagem de Mossoró. Mas o curioso é a tentativa de identificação pela Coleção Mossoroense da continuidade dos valores elogiáveis do passado em determinados personagens do presente, no caso específico, aos membros da família Rosado.

Apesar dos trabalhos de Felipe (2001) e Silva (2004), ainda não se tinha realizado um estudo sobre como a Coleção Mossoroense constrói a imagem de um personagem local.

Para realizar essa pesquisa foi preciso compreender a importância da Coleção Mossoroense para Mossoró e na construção da imagem da cidade e de seus personagens. A origem da Coleção Mossoroense, a sua estrutura organizacional e o seu papel na construção da imagem da cidade e de seus personagens históricos foram fundamentais como ponto de partida da pesquisa.

Todavia a compreensão do papel da Coleção Mossoroense na construção da imagem da cidade e de seus personagens históricos não pode ser completa à margem do entendimento da história de Mossoró. Este é o motivo pelo qual se resgatou a maneira como esta cidade se formou e qual a concepção dos pesquisadores acadêmicos sobre os acontecimentos históricos eleitos como principais pelos que exercem o poder político na cidade.

A Coleção Mossoroense foi criada em 1949, como desprendimento da criação da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró em 05 de abril de 1948, que editava o Boletim Bibliográfico, contendo as obras existentes e a disposição dos leitores na Biblioteca. A construção desta instituição foi promessa de campanha cumprida cinco dias após a posse de Dix-sept Rosado na prefeitura de Mossoró (ROSADO et al, 1978a).

A Coleção Mossoroense é formada por uma coletânea de livros e opúsculos de variados temas locais e nacionais com cerca de 4 mil títulos, sem cunho comercial (as obras não são vendidas), dividida em séries (da série A a G), idealizada por Dix-sept Rosado e dirigida por Vingt-un Rosado até o seu falecimento em janeiro de 2006. Os temas que possuem mais títulos são os referidos as temáticas da seca e sobre a família Rosado.

Felipe (2001) aponta quatro linhas editoriais da Coleção Mossoroense, expostas aqui não pelo grau de importância mas, aleatoriamente: uma que forneceria credibilidade nacional a Coleção ao editar ou reeditar livros clássicos ou de edição esgotadas mas de grande valor científico; a segunda de autores novos, intelectuais tanto universitários ou não, encontram na Coleção Mossoroense uma possibilidade de ter seus trabalhos publicados; a terceira e a quarta, as de maiores edições na época do estudo de Felipe (2001), que seriam sobre a temática da seca e sobre a família Rosado ou, como o autor denominaria, os Rosados publicando a si mesmos.

As edições são divididas em séries da seguinte forma.

A série A compreende os folhetos de grande formato e os assuntos focalizados são os problemas, recursos e necessidades de Mossoró. A prioridade são os trabalhos de pesquisa científica, literária ou o que ela considera como de cultura popular. O primeiro livro foi o intitulado de “Família Gamboa”, do historiador Francisco Fausto de Souza, de interesse na área de genealogia e publicado em 1949.

Os folhetos da série B são todos os que não possuem Mossoró como temática. Vingt-un Rosado foi o primeiro autor dessa série com o trabalho intitulado “Um possível caso de telegonia entre os nossos indígenas mencionado por Anchieta” e publicado também em 1949.

Na série C encontram-se livros que já foram publicados antes por outras editoras, monografias e artigos de jornais de intelectuais, fotógrafos e jornalistas,

dentre outros, num total até agora de 1350 títulos. A série iniciou-se em 1954 e seu primeiro número foi o trabalho do fotógrafo e intelectual José Octávio Pereira Lima, intitulado “Terra Nordestina”.

A série D contempla os cordéis. A página da Coleção Mossoroense na Internet não se refere ao primeiro número. Mas, no catálogo de todas as obras de todas as séries da Coleção Mossoroense realizada por Muniz (1999), pode-se constatar que a primeira publicação foi de José Saldanha Menezes Sobrinho sob o título de “Como surgiu a SBEC” (Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço) datado de 1996.

Os periódicos estão na série E. Edições fac-similadas dos volumes 01 e 02 do Jornal “O Mossoroense” que, de acordo com a página na Internet da Coleção Mossoroense, é o mais antigo jornal em circulação no Rio Grande do Norte e um dos cinco mais antigos no Brasil. A primeira publicação foi o periódico intitulado “A Escola” do Grêmio Literário Santa Luzia, em 1997.

Formam a série F as obras intituladas de “Memorial dos Mossoroenses” e onde estão perfilados os homens e mulheres que, de acordo com os editores no sítio da Coleção Mossoroense, “ajudaram a construir o ‘País de Mossoró’ ou a projetá-lo”. São até agora 68 integrantes da série e o primeiro homenageado foi José Gomes Neto. Chama a atenção o fato de Jerônimo Ribeiro Rosado não ter sido o primeiro, é o 42º, e o fato de ainda não ter sido dedicado nenhum número sobre Dix-sept Rosado.

A série G compreende as falas e relatórios dos presidentes de província do Rio Grande do Norte no período entre 1835 a 1888. Foi um dos poucos trabalhos sob a responsabilidade de Dix-sept Rosado. Foi ele quem organizou e reuniu as falas e relatórios dos presidentes da província.

O tema da pesquisa foi a imagem atribuída a Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense.

O objetivo da pesquisa foi determinar quais os valores e ideais atribuídos à imagem de Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense.

Muito se tem estudado sobre a Coleção Mossoroense. Os trabalhos de Felipe (2001) e Silva (2004) demonstram como a Coleção Mossoroense constrói uma imagem de Mossoró, formando nos membros da cidade uma identidade com o lugar, uma coesão social. É semelhante ao que Albuquerque Júnior (1999) diria sobre o



Nordeste: a Coleção Mossoroense cria uma forma de ver e dizer da cidade de Mossoró.

Com esse conhecimento básico, pôde-se partir para o estudo da imagem que a Coleção Mossoroense atribui a Dix-sept Rosado, realizando-se uma análise do discurso das obras de e sobre Dix-sept Rosado na Coleção Mossoroense fundamentado em Bakhtin (1999) e Bourdieu (2000). A principal fonte foi a Coleção Mossoroense, identificando os valores e ideais atribuídos a esse personagem.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), Severino (1996), Ludke (1986) e Soriano (1998) foram fundamentais para a orientação metodológica do trabalho.

Esta pesquisa qualitativa trabalha com valores e ideais, não possíveis de serem reduzidos a variáveis matemáticas devido a trabalharem com o mundo dos significados das ações e relações sociais (MINAYO, 1994).

Porém a pesquisa seguiu a compreensão da existência da unidade entre a abordagem qualitativa e quantitativa. Segundo Gamboa (1997), o que diferencia as ciências sociais das ciências naturais é o predomínio da abordagem qualitativa sobre a abordagem quantitativa e não a exclusão de uma pela outra.

A dissertação está dividida em capítulos na seguinte ordem: o primeiro capítulo refere-se aos antecedentes de Dix-Sept Rosado, sua importância e o motivo de escolhê-lo como objeto de pesquisa. Principais obras utilizadas foram Lewin (1993), e Felipe (2001) e como fonte a Coleção Mossoroense.

Dessa forma, destaca-se neste primeiro capítulo que, segundo Felipe (2001), Jerônimo Dix-sept Rosado Maia foi o décimo sétimo (17) filho de Jerônimo Ribeiro Rosado e foi o membro da família que alcançou o posto político mais alto no Estado: governador. Felipe (2001) refere-se ainda a ele como o responsável pela divisão da família Rosado em equipes funcionais. Tais funções teriam como seu objetivo de conjunto, manter e perpetuar o poder político da família.

O segundo capítulo consiste no referencial teórico. Nele se faz uma discussão sobre a produção dos espaços na história em geral, dando ênfase à questão da produção das tradições, e em particular o caso de Mossoró, utilizando os autores Hobsbawm e Ranger (1997), Gaddis (2003), Albuquerque Júnior (1999), Silva (2004), Bakhtin (1999), Brait (2005), Certeau (1979), Chartier (2002) e Felipe (2001), dentre outros.

Neste segundo capítulo faz-se uma análise das idéias de Albuquerque Júnior (1999), Certeau (1979), Chartier (2002) e Felipe (2001), de que o lugar é uma

construção histórica. Através das representações simbólicas constroem-se identidades sociais do lugar.

Esta concepção, ainda no segundo capítulo, sofre uma inflexão ao se utilizar as conceituações de Gaddis (2003). O autor chama a atenção que essas representações simbólicas não são arbitrariedades subjetivas dos discursos dos autores, mas possuem uma relação com o real. Os discursos tão somente não são suficientes para construir uma identidade do lugar, eles precisam estar em consonância, ter uma coerência com a realidade.

E demonstra-se no segundo capítulo, que para Bakhtin (1999) os discursos devem ser relacionados com o contexto da época, a posição social do emissor do discurso e dos receptores, mais ainda a ideologia proferida. Essa análise de totalidade permitira ver, nos discursos, as nuances múltiplas dos sentidos das palavras.

O capítulo terceiro analisa como a Coleção Mossoroense produz um espaço chamado de Mossoró e seu discurso de história. Os principais autores utilizados foram Felipe (2001), Mota (1994), Ferro (1989), Silva (2004) e, mais uma vez, a Coleção Mossoroense, como fonte.

No capítulo referido, realiza-se a reflexão de que a Coleção Mossoroense, através do discurso que profere, produz uma representação simbólica do espaço do lugar chamado de Mossoró. De acordo com Silva (2004), a Coleção Mossoroense adquire uma importância tão grande que se torna um instrumento político de grande envergadura para a manutenção e perpetuação do poder político da família Rosado.

No terceiro capítulo, a definição de poder simbólico de Bourdieu (2000) foi importante para a compreensão das representações trabalhadas pela Coleção Mossoroense.

Ainda neste capítulo, realizou-se uma análise historiográfica onde percebeu-se as características do discurso de história da Coleção Mossoroense e sua semelhança com aspectos do discurso em história da época.

O quarto capítulo é de análise das obras de e sobre Dix-Sept Rosado na Coleção Mossoroense, respondendo a pergunta qual a imagem construída pela Coleção Mossoroense de Dix-Sept Rosado – História, valores e ideais? É uma análise do discurso fundamentado em Bakhtin (1999). A principal fonte utilizada foi a Coleção Mossoroense.

No quarto capítulo demonstra-se que a Coleção Mossoroense trata Dix-sept Rosado como um homem empreendedor, progressista, inovador. Seriam essas características próprias de Dix-sept ou inventadas pela Coleção Mossoroense? Dix-sept Rosado é quem dirige as empresas da família Rosado e consegue sucesso e diversificação de suas atividades empresariais garantindo a riqueza da família. Seriam essas características de empresário que a Coleção Mossoroense exalta insinuando que seriam transferíveis à administração do poder público?

Progressista e inovador. Dix-sept Rosado é contemporâneo na política do populismo getulista. O populismo abarcava em seu discurso algumas mudanças sociais e opunha-se, ao menos em discurso, as oligarquias tradicionais. Não seria essa filiação política o responsável pelas características progressistas e inovadoras de Dix-sept Rosado? Ou seja, fruto de uma época histórica, um contexto. O quarto capítulo discute essas e outras questões relacionadas a imagem de Dix-sept Rosado construída pela Coleção Mossoroense.

O último capítulo é a conclusão.

## 2 POR QUE DIX-SEPT?

Neste capítulo, o objetivo é discutir a importância de Dix-sept Rosado para a sua família e para a Coleção Mossoroense, a influência da educação de seu pai na formação de seus valores e a ideologia predominante na época, influenciadora de seus ideais. A origem de seu nome, Dix-sept, inicia o capítulo como parte importante da história do personagem.

### 2.1 ANTECEDENTES

Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia foi o décimo sétimo filho de Jerônimo Ribeiro Rosado. Este veio a Mossoró em 1890 a pedido do líder político local Almeida Castro. Farmacêutico, constituiu a elite local em um período no qual a formação acadêmica era privilégio de alguns poucos. Somente três pessoas tinham curso superior em Mossoró naquela época, e Jerônimo Ribeiro Rosado era uma delas. Sabia falar vários idiomas, dentre eles, francês, latim e hebraico. Autodidata, aprendeu geologia acompanhando, como intérprete, os engenheiros que vinham a Mossoró para executar projetos do Governo Federal, e tal conhecimento levou-o à descoberta de minas de gipsita, o que, posteriormente, veio a ser a fonte de riqueza da sua família.

Progenitor de uma prole de vinte e um filhos (de dois casamentos), do terceiro filho em diante, começou a numerá-los. Provavelmente, de acordo com Felipe (2001), a influência da cultura francesa sobre a elite brasileira vai determinar a numeração dos filhos em francês. Quando o uso do francês não dava certo ou soava mal, apelava-se para o latim. Além disso, estes eram os idiomas do cotidiano entre médicos e farmacêuticos, devido ao fato de os manuais da farmacopéia brasileira serem os mesmos da francesa (FELIPE, 2001).

Batizando os filhos com o seu primeiro nome e as filhas com o primeiro nome da mãe, Jerônimo e Isaura respectivamente, o que caracterizava e diferenciava os filhos era justamente a numeração. Este é o motivo por que Dix-Sept Rosado era mais conhecido, como seus irmãos, pelo numeral em francês. Apesar do inusitado, esse tipo de prática era muito comum à época:

[...] A prática generalizada até o final do século passado [a autora refere-se ao século XIX] favoreceu a tradição de fazer derivar do

estoque de nomes pertencentes aos ascendentes diretos, do mesmo sexo, a atribuição tanto dos nomes próprios como dos sobrenomes de um indivíduo. Assim, os nomes próprios femininos tendiam a refletir os prenomes de ascendentes diretos femininos – mães, avós e bisavós. [...] Os homens, analogamente, derivavam seus nomes e sobrenomes de seus ascendentes paternos [...]. [...] Visto que os estoques de nomes das famílias permaneciam normalmente muito limitados, a redundância, que podia induzir a confusão, era evitada pelo uso vernacular de acoplar apelidos estandardizados ao nome do proprietário [...] (LEWIN, 1993, p. 120 e 125 respectivamente).

Jerônimo Ribeiro Rosado já era homônimo do seu pai. No caso da família Rosado, não eram os “apelidos estandardizados ao nome do proprietário” que diferenciavam a prole de Jerônimo Ribeiro, mas o numeral. A formação de uma família extensa por Jerônimo Ribeiro é analisada posteriormente.

## 2.2 UMA EDUCAÇÃO PARA A LIDERANÇA ILUMINISTA

De acordo com Felipe (2001), os Rosado possuem uma característica singular: a educação dada por Jerônimo Ribeiro Rosado aos seus filhos. Influenciados pelo Iluminismo europeu, estes foram educados para a política, mas com responsabilidade sobre o lugar. Uma educação para a formação de uma elite política, mas com sentimento de retorno, dever, obrigação com o lugar ou o povo de seu lugar; um certo iluminismo.

[...] Educação e civilização para ‘seu’ Rosado, eram atributos de humanidade que ele tentava passar aos outros e aos filhos, através da prática cotidiana. Educar pela civilidade, pelo respeito aos outros, trazendo todos para uma socialidade. Uma escola do cotidiano, marcada pela presença, a vizinhança, a cooperação, uma emoção de fidelidade à cidade, como se essa prática cotidiana fosse a grande tarefa e o destino a ser afrontado. A cidade como símbolo, vai cimentar essa socialidade, talvez venha por contaminação de outro elemento fundador – família [...] (FELIPE, 2001, p.74)

Nesta passagem, nota-se claramente o caráter humanista do Iluminismo centrado na cidade. Ferreira (1989) também atesta um grande movimento cultural em Mossoró, inclusive com forte influência europeia, o que fortalece a idéia da influência do Iluminismo na educação que Jerônimo Ribeiro transmitia aos seus filhos.

[...] Essa concentração de capitais cria uma burguesia comercial que produz uma cultura faustosa e refinada, extremamente cosmopolita.

Através dos navios chegavam os melhores tecidos da Inglaterra e França [...]. Mossoró recebe as grandes companhias teatrais européias, tenores italianos, barítonos, que realizam gloriosas temporadas. Clássicos da literatura chegavam em caixões ao 'Porto de Mossoró', formavam-se grandes bibliotecas individuais. Junto com os artigos manufaturados, os navios faziam chegar fragmentos de comportamento, detalhes do modo de vida, aspectos de uma cultura que fazia eco principalmente junto aos imigrantes estrangeiros, mas que se espalhava por toda a comunidade de negócios. Resulta daí não apenas o farfalhar das sedas e tafetás francesas e inglesas, mas também uma dinâmica cultural atípica na região. Esse cosmopolitismo pode ser expresso, por exemplo no fato de que, do final do século passado [a autora está se referindo ao século XIX] para o início do atual, havia em Mossoró cerca de 100 pianos [...] (FERREIRA, 1989, p.55).

O movimento cultural era intenso na cidade, e as idéias européias pareciam circular livremente e com bastante intensidade. Neste ambiente, a formação de uma concepção liberal de forte influência iluminista é extremamente provável, mas é preciso problematizar essa influência na educação dos filhos de Jerônimo Ribeiro.

Holanda (1998), no seu estudo sobre a formação social do Brasil, chama a atenção para o fato da influência da cultura ibérica, em particular, no Brasil da cultura portuguesa, que correspondeu, na política, ao liberalismo que o autor chamou de ornamental.

A elite colonial brasileira, prossegue o autor, foi influenciada pela burguesia lusitana, que tinha aspirações e atitudes da nobreza, à qual desejava equiparar-se, desfazendo-se, assim, dos ensejos de formar uma mentalidade específica, como nos outros países europeus, onde a burguesia teve que lutar contra a monarquia feudal.

Desse modo, a elite brasileira, conforme Holanda (1998, p.160), tratou de acomodar "[...] onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas [...]". E assim conclui: os movimentos brasileiros "aparentemente reformadores" foram, na verdade, impostos de cima para baixo pelos grupos dominantes, providos do desejo de negar uma autoridade incômoda.

Portanto, esses valores liberais da educação de Jerônimo Ribeiro, pelos quais educava os seus filhos, precisam ser compreendidos dentro do contexto das relações sociais vigentes em sua época. O liberalismo europeu foi diferente do

brasileiro. Inclusive, muitas vezes, este era bem contrário aos seus princípios de origem européia.<sup>2</sup>

A educação dos filhos de Jerônimo Ribeiro Rosado, de acordo com Felipe (2001), tem a cidade como símbolo, e esta característica tem maior importância no estudo aqui pretendido.

[...] Essa missão aparece como um outro 'altar' cuja adoração é a cidade de Mossoró. Sua participação política [de Jerônimo Ribeiro] [...] ajusta-se aos compromissos com o amigo e líder político Almeida Castro e à fidelidade à cidade e às imagens para o seu desenvolvimento [...] (FELIPE, 2001, p.72)

Esta educação tinha o sentimento de respeito e amor à cidade, mas também é possível notar, nessa passagem de Felipe, que Jerônimo Rosado, quando chega a Mossoró, já encontra as imagens, as representações sociais que se tornariam tradicionais lá – isto será explorado mais adiante.

Esses valores comportamentais de reconhecimento do lugar não foram característica apenas de Mossoró. No contexto da época, início da República, era comum a elite local tentar integrar o lugar, a sua localidade, a região à nação. Felipe (2001, p.68) chama atenção para isso quando escreve:

[...] Mossoró, naquele final de século [o autor refere-se ao século XIX], assim como outras cidades brasileiras, vive com o advento da República um novo papel que se fundamenta na implantação de uma nova ordem burguesa, que procura adequar as idéias republicanas ao seu projeto racionalizador, onde a cidade aparece como signo de progresso e de modernidade [...]

Esses valores são comuns à época e caracterizam o que Albuquerque Júnior (1999) define como uma vertente do pensamento regionalista brasileiro.

### 2.3 A VISÃO REGIONALISTA DA ÉPOCA

Albuquerque Júnior (1999) divide o olhar regionalista entre o velho regionalismo, que olhava para o espaço brasileiro como natureza e tropicalidade

---

<sup>2</sup> Não foi objetivo aqui realizar uma discussão sobre as características da educação liberal que, em conflito com os ideais liberais europeus, Jerônimo Ribeiro Rosado transmitiu aos seus filhos. Apenas se chama a atenção para a necessidade de contextualizar os conceitos ou caracterizações conforme a época, observando as nuances de diferença que os tornam singulares.

exótica, colocando o meio ao lado da raça como fatores determinantes para o atraso da sociedade e da cultura brasileira (antropogeografia), caracterizando-se pelo apego às questões locais.

O velho olhar regionalista, conforme Albuquerque Júnior (1999), é de um discurso naturalista, ou seja, explica as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio e da raça (biotipologia)<sup>3</sup>. As variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças culturais e políticas entre as regiões. O pensamento naturalista formou um tipo de visibilidade e dizibilidade do país.

O velho olhar regionalista formava uma imagem homogênea das regiões, não se atentando para as diferenças internas de práticas, histórias e costumes. Descreviam-se aspectos ou costumes de um Estado ou de uma área e apresentava-se como se fossem de toda uma região.

O discurso do olhar do velho regionalista vai destacar os elementos culturais<sup>4</sup> raros que estariam em vias de extinção devido ao progresso (espaços de saudade).

O Nordeste, por exemplo, segundo Albuquerque Júnior (1999), vai surgir como reação às estratégias de nacionalização, como reação à perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão. Constrói-se uma realidade político-cultural através de símbolos, tipos, fatos que reagissem à dissolução trazida pelo que designaria a nação. Traçam-se novas fronteiras para a defesa da dominação ameaçada. É uma reterritorialização simbólica. Assim, levantam-se as características de sua natureza, da história econômica e social da área, elabora-se uma memória social, cultural e artística para servir de base à reterritorialização.

O velho olhar regionalista, portanto, pode-se concluir desta exposição de Albuquerque Júnior (1999), é uma visão tradicionalista: quer manter a tradição, o espaço do jeito que está, reagindo às mudanças, ao progresso capitalista, mantendo o espaço onde predominam reagentes às mudanças que minam o seu poder.

Entretanto, Albuquerque Júnior (1999) anuncia ainda o surgimento de um novo olhar regionalista. Esse novo discurso regionalista surge à medida que se dava

---

<sup>3</sup> Neste trabalho de Albuquerque Júnior (1999), observou-se que o autor não chama a atenção para a diferença entre as duas correntes da geografia naturalista: a determinista e a possibilista. Diante disto, leitores desatentos podem não perceber a diferença. Enquanto a corrente naturalista determinista refere-se aos espaços como reflexo imediato da natureza e da biotipologia, a corrente naturalista possibilista destaca os elementos culturais na determinação dos espaços.

<sup>4</sup> Corrente da geografia naturalista possibilista.



a construção da nação e que a centralização política, segundo o autor, conseguia se impor sobre a dispersão anterior, a idéia de pátria, entendida enquanto Estado-nação, e vai aos poucos se impondo com reação aos diferentes pontos do país.

O novo olhar regionalista busca o agrupamento em torno de um espaço maior diante das mudanças que destruíam as espacialidades tradicionais. O espaço perdia, cada vez mais, sua dimensão natural para se tornar uma dimensão histórica, construída pelo homem. O crescimento das cidades, a rapidez dos transportes e das comunicações acelerava a “desnaturalização” do espaço. A geografia entra em ruína – diz Albuquerque Júnior (1999).

O regionalismo é visto como a primeira forma de manifestação da consciência nacional, em um estágio que deveria avançar para a consciência brasileira. Este novo olhar, de acordo com Albuquerque Júnior (1999), tenta integrar o elemento regional a uma estética nacional, mas trata-se de uma relação regionalista porque se alimenta do regionalismo localista. Ele apenas reelabora o fator regional, mas não o abandona. É uma tentativa de unificar o espaço do país a partir da valorização regional. O novo olhar regionalista incorpora o elemento regional a uma visibilidade e dizibilidade nacionalista, mas superando a visão exótica e pitoresca naturalista.

Mota (1994), em seu estudo historiográfico sobre a produção do conhecimento em história no Brasil, também se refere a um período de contestação à historiografia da elite oligárquica, a qual, de acordo com Mota (1994), era empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca (heróis-civilizadores locais) e representada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1838). É um período de crise da oligarquia, afirma o autor.

A visão da oligarquia, segundo Mota (1994), é uma perspectiva mitológica e bandeirista, típica do Instituto Histórico, ou de orientação factualista, como do positivismo de Seignobos. Uma concepção aristocrática de cultura e patriarcal da organização social e da produção cultural.

Segundo Albuquerque Júnior (1999), o melhor exemplo do novo olhar regionalista é Gilberto Freyre, porém, também tradicional porque ele tenta integrar o país com as suas diferenças apontando para um convívio harmonioso. Assim, acaba mascarando as diferenças de classes, as lutas sociais por interesses divergentes, os movimentos sociais de grupos, classes, etc.

Essa concepção é semelhante à de Mota (1994), o qual afirma que questionadores como o autor de *Casa Grande e Senzala* cristalizavam a ideologia

da cultura brasileira. Esta era uma visão senhorial do mundo, de teses universais demasiadamente genéricas, como o da democracia racial e do luso-tropicalismo, no qual se perpetua a noção de cultura brasileira e encobre-se o problema das relações de dominação no Brasil. O eruditismo e o bem escrever constituem o revestimento do ensaísmo social característico dos filhos das oligarquias regionais.

Segundo Mota (1994), neste discurso, as contradições reais do processo histórico-social, as classes e os estamentos em seus dinamismos específicos e seus conflitos e desajustamentos no sistema social global são eliminados. Apesar de trabalhar com categorias como os senhores e escravos, não são as classes que comandam o processo. O autor afirma que formulações como esta tendem a vincular o conhecimento que se tem das esferas populares à ótica do senhorio.

Nesse sistema ideológico, vincula-se com certa facilidade e até perfeição a cultura popular com a aristocrática. A cultura funcionaria como fator de integração, e não de resistência.

Conforme Albuquerque Júnior (1999), o regionalismo de Gilberto Freyre foi marcado pela emergência da nação. Seu regionalismo buscava uma unidade nacional a partir da observação profunda de suas partes fragmentadas. Afirmava-se a diversidade reivindicando a volta ao passado, não uma diferença criativa, mas conservadora. Buscava-se a tradição como dado museológico e folclórico a ser preservado. O pensamento freyreano radica a nacionalidade na tradição e considera o seu regionalismo moderno (apenas na mudança de forma), mas não modernista (reificação de um instante da modernidade).

Para Freyre, de acordo com Albuquerque Júnior (1999), a nação deve se constituir como um pacto harmônico entre regiões que estabelecem sua realidade, devendo garantir a preservação dos seus espaços diferenciados e da dominação que neles se exercem. A diferença está submetida à lógica da identidade: uma situação momentânea de afastamento que deve ser superada por uma nova identidade que refaça o equilíbrio.

Essa visão regionalista que objetivava integrar-se à nação parece mais próxima ao pensamento de Jerônimo Ribeiro Rosado:

[...] Jerônimo Rosado desenvolve uma ética, que incorpora uma sensibilidade coletiva movida por uma 'aura' progressista, uma 'vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter continuidade, através da mudança' (SANTOS, 1996, p. 262). Daí a sua rápida apreensão da cidade, dos seus emblemas e imagens, um

olhar no passado, para através da memória da cidade, dessa alma urbana captada, definir continuidades.

A consciência de que o passado participa através de diversas combinações das mudanças que devem ocorrer no lugar, principalmente se esse lugar e os seus fundadores, construíram imagens de um 'sonho econômico', que Jerônimo Rosado percebe que se mantém com força na maçonaria e nas aspirações dos comerciantes e industriais salineiros.

Já encontra, portanto, uma sociedade com sua 'trama de significações para representar a si mesma' (SOUZA, 1997, p.78). Uma configuração geográfica resultante da produção histórica de uma memória que é mais do que um olhar no passado, pois ela contém sonhos e projetos não realizados e a tarefa dos construtores do futuro é retomá-los juntamente com os desafios para torná-los realidade.

O passado da cidade e as imagens produzidas pelos comerciantes oferecem os elementos para a realização dos eventos. Jerônimo Rosado tinha vivência para descobrir esse conteúdo social [...].

A esses eventos e imagens gerados na busca das suas realizações, ou o culto aos heróis desse passado glorioso, somam-se à fidelidade ao lugar, uma ética de responsabilidade civil que caracterizava as elites desse momento histórico.

Jerônimo Rosado, portanto, se 'nacionaliza mossoroense' quando percebe que a história da cidade contém forças que vão condicionar o presente e o futuro dessa sociedade. Da mesma forma, absorve o 'sonho econômico' e sua mitologia progressista [...] (FELIPE, 2001, p.76).

Nesta imagem por Felipe (2001), não só se encontra semelhança com o pensamento regionalista nacionalista, como também traços do que viria a ser a Coleção Mossoroense.

A centralidade da imagem na cidade integrando-a à nação é típica da visão regionalista. Constrói-se uma identidade particular da cidade, mas sem se esquecer de seu pertencimento à nação. Os valores, os sentimentos de pertencimento e de identidade da cidade assemelham-se aos de um país, mas essa identidade tão forte com o lugar não conduz à ruptura com a nação, apenas reforça os laços sociais de identidade dos membros do lugar.

O compromisso de Jerônimo Ribeiro com a cidade está baseado em realizar mudanças sem promover rupturas com a continuidade do poder local. Felipe (2001) aponta que o patriarca tinha possibilidades intelectuais de perceber que as imagens mitológicas existentes na tradição cultural da cidade tinham força entre sua classe dominante, mas também nas camadas populares.

A Coleção Mossoroense, como se destacará mais adiante, não inventou tradições, mas trabalhou com as existentes, redimensionando-as ou utilizando-as

conforme os interesses dos seus editores. As festas e imagens da cidade já existiam anteriormente a Jerônimo Ribeiro e à Coleção Mossoroense, a diferença é a forma com que eles (re) trabalham essas representações sociais.

## 2.4 A FORMAÇÃO DE UMA OLIGARQUIA POLÍTICA

Uma família numerosa como a de Jerônimo Ribeiro Rosado era muito comum no Brasil do período que ficou convencionado chamar de República Velha. Mas, antes de apenas significar cultura, nas classes dominantes, tinha também um significado político.

Lewin (1993, p.113) faz um estudo sobre a base familiar da oligarquia paraibana do período da República Velha e afirma que “[...] o pertencer a uma parentela, uma família extensa, constituía a sua mais importante afiliação organizacional [...]”. Assim, existia uma vinculação estreita entre parentesco e política.<sup>5</sup>

Este poderia ter sido também o ensejo de Jerônimo Ribeiro na formação de uma família extensa, uma parentela. Medeiros (apud FELIPE, 2001, p.72) afirma que:

[...] os filhos numerados não eram peças isoladas, eram partes de um conjunto, elos de uma corrente [...] Numerando-os, transmitia-lhes a idéia da indivisibilidade, do entrelaçamento e de união. União verdade simbolizada na corda de nós, que circunda nosso universo maçônico, transferida para a construção moral dos seus filhos [...]

---

<sup>5</sup> A autora faz uma ressalva sobre a utilização do termo parentela como sinônimo de família extensa para o caso brasileiro: “[...] O termo parentela é aqui usado de maneira intercambiável com família extensa, embora Maria Isaura Pereira de Queiroz tenha sublinhado uma importante nuance ou diferença entre a realidade brasileira e o que os antropólogos usualmente querem significar quando utilizavam aquela última expressão. Geralmente, a expressão família extensa aplicava-se a várias gerações de famílias nucleares vivendo numa residência compartilhada. [...] Embora, entre os membros da elite proprietária de terras no Brasil, a família extensa incluísse várias gerações de parentes lineares e colaterais, ela costumava distribuir-se por um certo número de residências situadas em propriedades diferentes. [...] Como observa essa autora, a parentela é menos restritiva, especialmente no Brasil, do que na maioria dos contextos comumente estudados. [...] O fato de este padrão de proximidade residencial poder ser aproximado de uma forma atenuada de família extensa circunscrita residencialmente é uma outra razão pela qual a expressão família extensa foi mantida neste estudo, sendo usada como sinônimo de parentela [...]” (LEWIN, 1993, p.116).

Este entrelaçamento (união, indivisibilidade) poderia facilmente funcionar como uma política de parentela, formando uma oligarquia política semelhante à que Lewin (1993) analisou na Paraíba.

Apesar de a autora analisar a Paraíba, ela ressalta que, mormente a existência da variedade regional particular da organização das oligarquias, o sistema político de base familiar baseava-se em características da organização brasileira de parentesco. Deste modo, não seria nada estranho encontrar semelhanças na família Rosado.

#### A família extensa compreendia

[...] o grupo de descendência bilateral de um indivíduo, incluindo os ascendentes maternos e paternos e os descendentes lineares de várias gerações. Dela faziam parte também os colaterais consangüíneos – tias e tios ou sobrinhos e sobrinhas. Pertencia ainda a família extensa, entretanto, uma numerosa população de parentes não consangüíneos: [...] incorporados nos seus limites os parentes afins, ou ingressos na família através dos casamentos, e os pretensos parentes, nela incluídos através de uma relação ritual (compadrio cerimonial) ou de uma relação de adoção (o criado na família, assim reconhecido civil ou costumeiramente) [...] (LEWIN, 1993, p.117)

Lewin (1993) utiliza o termo parentela porque o parentesco consangüíneo abarca apenas os parentes consangüíneos matrilineares e patrilineares. Portanto, o conceito de parentesco consangüíneo é mais limitado do que o termo parentela. Inclusive, com referência à organização política, o conceito de parentela torna-se mais próximo da realidade uma vez que, além do parentesco consangüíneo, inclui também o parentesco por afinidade e os parentescos rituais.

Portanto, poder-se-ia inferir que Jerônimo Rosado, ao formar uma família extensa, com uma cultura de valorização do lugar (cidade), tinha a possibilidade de formar uma oligarquia local.

Uma das diferenças fundamentais que existia entre a oligarquia de base familiar analisada por Lewin (1993) na Paraíba e a oligarquia que vai se formando por Jerônimo Ribeiro Rosado consiste no fato de que a parentela da Paraíba compreendia não só uma rede de parentes, mas também amigos dos membros políticos da família.

Esses amigos que se vinculavam de maneira personalística aos membros da parentela eram responsáveis por organizar o eleitorado localmente para fornecer os votos, defender “[...] os interesses partidários em seu município natal e o serviam

lealmente nos cargos políticos de que fossem detentores ou nos postos do serviço público em que ingressavam por nomeação [...]” (LEWIN, 1993, p.113). Era uma organização familiar de descendência “amblinear”. Ou seja, estabelecia-se a descendência a partir do sobrenome de um ou ambos os pais, mas com uma grande flexibilidade a ponto de permitir uma afiliação de linhagem com base na escolha pessoal, seja individual ou até familiar (LEWIN, 1993).

Enquanto a organização familiar da oligarquia paraibana analisada por Lewin (1993) é caracterizada como de descendência “ambilinear”, a família Rosado possui uma organização familiar mais próxima da caracterizada pela autora como de descendência bilateral ou cognata: “[...] os indivíduos a estabelecem através de ambos os pais [...]”(LEWIN, 1993, p.119) e não está aberta à afiliação de linhagem com base na escolha pessoal.

[...] a tendência dos nomes e sobrenomes refletirem o gênero do portador e de seus ascendentes diretos por muitas gerações predominou até pelo menos 1850, mas tornou-se muito menos pronunciada na época da República Velha. No início deste século, assumiu gradualmente a predominância um paradigma puramente bilateral, reunindo os sobrenomes de ambos os pais para formar um sobrenome comum para todos os filhos, independentemente do sexo [...] (LEWIN, 1993, 121)

Não se está negando aqui a possibilidade de a família Rosado manter relações de compadrio, membros leais que lhes organizem o eleitorado e que lhes sirvam nos cargos políticos indicados por eles, mas a diferença é que estes membros não são tidos como integrantes da família, ao que parece chamar a atenção Lewin (1993) na organização da família oligárquica paraibana.

## 2.5 A IMPORTÂNCIA DE DIX-SEPT ROSADO

A presente pesquisa pretende determinar quais os valores e ideais atribuídos à imagem de Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense. Mas por que se escolheu Dix-sept Rosado como objeto de pesquisa?

Primeiro, devido a sua projeção política. Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, filho de Jerônimo Ribeiro Rosado, avançou na atividade política sendo eleito prefeito de

Mossoró em 1948 e, “[...] em 1950, foi eleito em campanha memorável, governador do Estado do Rio Grande do Norte [...]”<sup>6</sup>.

Uma trajetória política meteórica, portanto, considerada de grande realização política.

A eleição de Dix-Sept Rosado para governador do Estado é considerada, até hoje, uma eleição de campanha memorável, porque a diferença de votos adquiridos por ele em relação ao seu adversário, proporcionalmente, permanece a maior das eleições do Rio Grande do Norte: 18,9%.

#### ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO NORTE EM 1950

CANDIDATO	VOTOS	%	OS VÁLIDOS	%
Dix-Sept Rosado	101.690	57,8	101.690	59,8
Manoel Varela	68.448	38,9	68.448	40,2
Votos brancos	4.037	2,3	-----	-----
Votos nulos	1.802	1	-----	-----
TOTAL	175.977	100	170.138	100

Fonte: Galvão (1982, p.38).

Duarte (2002, p.06) refere-se à campanha do citado adversário como uma “campanha sem perspectiva de vitória”. Soares (2001, p.09), mencionando a campanha, escreve:

“[...] Foi uma campanha inesquecível, inovadora. Jamais se vira *jingles* em campanhas passadas, e o povo embalou com a candidatura de Dix-sept, com uma participação entusiástica e memorável. Num universo de 100.000 votos, Dix-sept obteria uma incrível vitória de 33.000 votos de maioria! [...]” grifos do original.

Dix-sept Rosado morreu, após 5 meses de governo, em um acidente de avião no Estado de Sergipe. Sua morte trágica e prematura tornou-o ícone na região. A Câmara Municipal de Mossoró, em 1951, através da Lei 16/51, batizou um povoado com o nome de Governador Dix-sept Rosado. E, em 4 de abril de 1963, através da

<sup>6</sup> NATALTRIP. **Nossa terra:** Governador Dix-sept Rosado. Disponível em: [http://www.nataltrip.com/cidades/governador\\_dix-sept\\_rosado](http://www.nataltrip.com/cidades/governador_dix-sept_rosado), acessado em 07 de fevereiro de 2005.

Lei 2878, o povoado elevou-se à condição de município do Rio Grande do Norte<sup>7</sup>. Portanto, além da projeção política, seu fim trágico o estabeleceu como um mártir na cidade.

A morte de Dix-sept é um dos pontos altos na construção simbólica de sua imagem pela Coleção Mossoroense, ao tratá-lo como um sacrifício em prol do povo, da gente pobre da cidade. Ao que Felipe (2001) irá identificar como a “saga dos Rosados”.

Outro motivo para escolhê-lo como objeto da pesquisa, dá-se porque, em 1948, de acordo com Felipe (2001), foi Dix-sept Rosado que montou uma equipe política entre a família para perpetuar a influência dos Rosados na região. Uma

[...]’equipe funcional’, uma divisão do trabalho político entre os irmãos, fortalecendo essa estrutura de base que é a família. Num primeiro momento, que é o definido por Dix-sept, Vingt Rosado (farmacêutico), que já era vereador e manteria a coordenação desse poder local (Vingt foi 2 vezes vereador [...]); Dix-huit Rosado (médico), que era deputado estadual, seria o parlamentar do grupo (Dix-huit foi deputado estadual – 1 mandato –, deputado federal – 2 mandatos –, senador – 1 mandato [...]). Vingt-Un (agrônomo), Dix-Neuf e Duodécimo compunham o sustentáculo financeiro do grupo, cuidando das empresas da família (gesso, sal e oficinas retificadoras de motores), mas Vingt-un exerceria também uma outra função, a de intelectual do grupo e homem ligado à educação que propõe, através dos livros publicados pela Coleção Mossoroense, ‘esculpir a história da cidade’ [...] (FELIPE, 2001, p.93)

Portanto, Dix-sept Rosado é o idealizador de uma organização familiar que irá culminar no surgimento da Coleção Mossoroense por Vingt-un Rosado, e o homem dessa família que alcançou o posto mais alto no Estado através de sua projeção política de ascensão súbita.

Esta coleção transformou sua morte em uma idéia de sacrifício pelos valores, ideais e engrandecimento do nome da cidade de Mossoró. Isto é um dos princípios fundadores da “Saga dos Rosados” (FELIPE, 2001, p.104).

A perda não sugeriu o fim nem a sua substituição, mas a continuação pelos sucessores de sua família dos ideais, projetos políticos e valores de Dix-sept (IBDEM, p.105). Mas quais seriam esses valores? E quais seriam esses ideais?

---

<sup>7</sup> NATALTRIP. **Nossa terra:** Governador Dix-sept Rosado. Disponível em: [http://www.nataltrip.com/cidades/governador\\_dix-sept\\_rosado](http://www.nataltrip.com/cidades/governador_dix-sept_rosado), acessado em 07 de fevereiro de 2005.



É importante notar também que é Vingt-un Rosado o responsável pela Coleção Mossoroense, portanto, também responsável pela imagem de Dix-sept construída por esta Coleção.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os principais conceitos são expostos e discutidos neste capítulo: a análise do discurso fundamentado em Bakhtin (1999), o conceito de espaço em Chartier (2002), Felipe (2001) e Gaddis (2003) e o conceito de tradição inventada de Hobsbawm e Ranger (1997). Uma discussão sobre a influência do historiador na produção do conhecimento científico baseada em Certeau (1979), Lapa (1981) e Rosanvallon (1995) permeia ainda este capítulo.

#### 3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO FUNDAMENTADO EM BAKHTIN

Para a análise do discurso da Coleção Mossoroense, fundamentou-se em Barbosa, Oliveira e Lucena (2004) e Bakhtin (1999).

Bakhtin (1999) trata das relações entre linguagem e sociedade sob a ótica da dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais numa perspectiva marxista, mas não analisa a questão da língua esquematicamente, como superestrutura, simples reflexo da estrutura<sup>8</sup>. Para ele, isso é um processo ininterrupto. A palavra veicula ideologia, e a ideologia é uma superestrutura, mas a língua expressa as relações sociais e as suas lutas internas, sofrendo efeito dessa luta. Assim, a língua serve, ao mesmo tempo, como instrumento e de material das lutas sociais: “[...] A palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios [...]” (BAKHTIN, 1999, p.14).

---

<sup>8</sup> Essa concepção estruturalista de Marx é mais característica de ALTHUSSER (1985). Através de uma interpretação unilateral do “Prefácio” da *Contribuição à crítica da economia política* de Karl Marx, Louis Althusser erige das idéias de Marx a concepção estruturalista do edifício, como se a superestrutura fosse apenas reflexo da estrutura, e, inclusive, esta entendida como a estrutura econômica. Essa concepção aproxima-se de uma interpretação mecanicista da realidade social. Mas o estudo de outras obras de Marx e Engels, como o *Anti-Durhing*, *O 18 brumário de Luis Bonaparte*, *A ideologia alemã* e *Cartas a Kugelmann*, apenas para citar algumas, é possível questionar essa interpretação de Althusser das idéias de Marx e Engels. No marxismo clássico, é reconhecida a relação de mútua determinação entre a superestrutura e a estrutura sociais, de modo que, em Hobsbawm (1997), Gerratana (1987) caracteriza a concepção de Marx e Engels como uma visão monista da realidade social. Bakhtin (1999) diferencia-se de Althusser, fornecendo uma interpretação alternativa a uma concepção mecanicista da realidade, ao reconhecer a influência da superestrutura na transformação da estrutura social.

De acordo com Bakhtin (1999), a análise de um discurso não pode ser realizada de forma linear, pois o sentido da palavra é múltiplo. Barbosa, Oliveira e Lucena (2004), explicando as idéias de Bakhtin, afirmam:

[...] o sentido nunca é ultimamente fixado, dando espaço para uma pluralidade de interpretações simbólicas [...]. Sentidos que não são dados a priori, mas que são construídos a cada acontecimento, a cada evento do dizer [...].

Partimos do princípio de que o sentido não é fixo e que os sujeitos são capazes de mover significações em novos dizeres, porque comungam os valores de seu tempo associados às condições sócio-históricas, os quais cria uma nova ordem do dizer, baseada nas especificidades da estrutura social, como também reiteram, com novas roupagens, a memória discursiva, elemento fundador dos sentidos dos dizeres e de seus deslocamentos [...](BARBOSA, OLIVEIRA E LUCENA, 2004, p.7).

Os sentidos das palavras são histórico-sociais. É preciso lançar um olhar sobre as nuances do (re)dizer da Coleção Mossoroense na tentativa de descobrir os segredos das palavras em sua natureza múltipla, pois estas possuem uma “pluralidade de interpretações simbólicas”.

Neste olhar, é preciso ter em mente que há um entrelaçamento entre os discursos e a ideologia no tocante à transmissão da informação. O sentido da palavra não é fixo. O discurso surge como efeito de sentido entre os interlocutores advindos de deslocamentos sócio-histórico-ideológicos. Ou seja, o sentido das palavras relaciona-se com os valores comungados pelos interlocutores em sua época e a ideologia predominante, podendo a “memória discursiva” adquirir mudanças ou simplesmente uma nova roupagem devido a mudanças de época, ideologia e/ou estrutura social.

Nesse estudo, as contribuições de Bakhtin (1999) tornam-se importantes ao compreender de forma dialética o discurso societário com o indivíduo, no contexto histórico-social.

[...] A compreensão do discurso informacional a partir do pensamento bakhtiniano implica a consideração do signo e da enunciação como elementos de natureza essencialmente sociais e seu estudo, busca esclarecer, até que ponto pode-se considerar a linguagem enquanto determinante na formação da consciência individual e em que medida a ideologia pode ser considerada como sendo fator determinante para a linguagem [...]. Bakhtin considera a língua um fato social [...] e seu processo enunciatório, como sendo de natureza social interligada às condições de comunicação, e estas condições, por sua vez, estando inextricavelmente relacionadas às

formas das estruturas sociais [...] (BARBOSA, OLIVEIRA E LUCENA, 2004, p.15)

Uma compreensão de totalidade da realidade. Essa postura está coerente, inclusive, com pesquisadores historiográficos, como Lapa (1981), que sugere o estudo da realidade histórica em sua totalidade e continuidade orgânica, isto é: mesmo que o estudo se detenha em um determinado momento histórico, não deve perder de vista a análise de totalidade.

Nas palavras do próprio Bakhtin (1999, p.15):

[...] a forma lingüística é sempre percebida como um signo mutável. A entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não havia enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada afetam a significação. [...] Só a dialética pode resolver a aparente contradição entre a unicidade e a pluralidade da significação [...]. O signo é, por natureza, vivo e móvel, plurivalente [...]

A base da língua é a enunciação, que é a réplica do diálogo social. A enunciação é de natureza social, portanto, ideológica.

[...] Ela [a enunciação] não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um 'horizonte social'. [...] O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. [...] O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. [...] A palavra é o signo ideológico por excelência [...] (BAKHTIN, 1999, p.16).

Para esse autor, deve-se integrar o discurso do outro no contexto narrativo das tendências sociais da interação verbal da época e do grupo social que faz parte. As obras individuais devem ser inseridas no contexto de sua época e, portanto, da orientação social manifestada também na época.

Barbosa, Oliveira e Lucena (2004) afirmam que, para Bakhtin, a enunciação da linguagem pode ser realizada no interior (individual) ou no exterior (social), mas não existindo à parte de um contexto social.

A palavra figura assim, em todo e qualquer ato de compreensão e interpretação realizado pelo ser humano na sua existência individual de ser histórico e social.

[...] Todo e qualquer processo de enunciação, do mais simples ao mais complexo, representa apenas uma pequena parte de uma cadeia de comunicação que evolui continuamente em variadas direções a partir de um determinado grupo social [...] (Barbosa, Oliveira e Lucena, 2004, p.27)

Os trabalhos de Bakhtin (1999) não se restringem à análise do discurso oral, mas à comunicação verbal que abrange também a escrita.

[...] O livro, isto é, o ato da fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sobre a forma de diálogo, e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc). [...] Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc [...] (BAKHTIN, 1999, p.123)

Dessa forma, o estudo aqui pretendido segue uma abordagem que compreende um entrelaçamento envolvendo a linguagem e a ideologia.

[...] a Teoria do Discurso toma o texto como objeto de análise e o concebe enquanto sendo constituído por uma unidade complexa de significação que nasce na lingüística e culmina no ideológico. Assim, não podemos conceber o texto, apenas como sendo uma unidade lingüística sem explicitar sua necessária e fundante relação com os sujeitos, o meio social e, conseqüentemente, a ideologia [...] (AQUINO, 2000, p.54).

A imagem atribuída a Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense deve ser relacionada à ideologia de um grupo social e ao contexto histórico-social dos indivíduos.

### 3.2 O ESPAÇO COMO UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Não se pode estudar a cidade somente como um recorte de características físicas, como clima, relevo, vegetação. A cidade é, além disso, uma construção histórico-simbólica. São valores, cultura, tradições que determinam a identidade social dos habitantes de um lugar e, inclusive, suas fronteiras que, muitas vezes, não coincidem com as divisões de limites estabelecidas pela geografia político-administrativa. A cartografia não é suficiente para determinar o espaço de uma cidade, seus limites, suas fronteiras, sua demarcação territorial.

Para Chartier (2002), por exemplo, o espaço é instituído através de significações simbólicas. O lugar, continua o autor, é construído historicamente através de representações espaciais dos discursos que a instituem.

Portanto, diz Chartier (2002), não se pode considerar o lugar apenas descrito por suas características naturais (clima, vegetação, solo) próprios do discurso geográfico tradicional. Mas o lugar, a cidade, enfim, todo local de atuação, em geral, entre os homens são inventados por um discurso de significações simbólicas instituído por uma imagem estabelecida historicamente.

De acordo com Chartier (2002), é a tradição da geografia vidaliana que define o território da região:

[...] apenas por sua individualidade geográfica. Trata-se de um espaço a construir, simultaneamente homogêneo em seus caracteres fundamentais e nitidamente distintos dos territórios que o cercam. As regiões naturais dos geógrafos vidalianos são, portanto, espaços inscritos no próprio solo [...] (CHARTIER, 2002, p.209).

A tradição vidaliana em geografia uniformiza os territórios, caracterizando-os de acordo com sua estranheza com o outro. A identidade, a definição de uma região encontra-se na dessemelhança, na diferença com outra região vizinha ou mesmo distante. Mas, para Chartier (2002, p.209), “[...] a região natural não pode ser superposta ao espaço histórico [...]”.

A região, pelos geógrafos, é definida pela unidade da natureza do solo, o clima, “sua horizontalidade, sua impermeabilidade” (CHARTIER, 2002, p.210). Ou seja, pode-se inferir, é definida pela sua diferença com o outro, como se fosse um espaço homogêneo, uniforme.

Chartier (2002) chama a atenção para o fato de que não se pode analisar um território pela sua horizontalidade. A geografia de um lugar não é um espaço liso, mas um espaço estriado (DELEUZE, 1997). As construções, como os prédios, as estradas, a localização da igreja, etc., isto tudo diz sobre um lugar, sua geografia, sua história. Portanto, não pode ser analisado como algo horizontal, mas cheio de estrias, ondulações, “relevos”.

Analisando um território, um lugar de forma horizontal, pode-se torná-lo “impermeável”. Não é possível determinar vários territórios em uma região com tantas diferenças entre eles. Chartier (2002) parece afirmar que homogeneizar

territórios para designar uma região é torná-los impermeável a análises mais profundas.

[...] o vocabulário dos geógrafos, que emprega a palavra REGIÃO para designar territórios de escalas muito diferentes, revela por sua incerteza uma hesitação fundamental: como articular região e regiões, como individualizar territórios cuja diversidade interna não destrua a homogeneidade [...] (grifo do original) (CHARTIER, 2002, p.212).

Para Chartier (2002), região é um artefato construído nas interações entre meios naturais e gêneros de vida. Pode-se dizer, entre os meios naturais e as relações sociais.

Felipe (2001, p.09), em seu trabalho sobre a reinvenção de Mossoró, onde analisa a identificação da história de Mossoró com a família Rosado através da Coleção Mossoroense, refere-se do seguinte modo ao lugar:

[...] O lugar é bem mais que um cruzamento de coordenadas geográficas ou produto de decisões fora dele. Sua riqueza simbólica é fruto dos conteúdos progressivamente sedimentados pelos acontecimentos históricos e pelas referências daqueles que os comandam. Neste sentido, não é possível pensar o lugar, em geral, e conhecer profundamente um lugar particular, sem mergulhar nos fatos e nos desideratos da sua elite, ou seja, daquelas pessoas que fazem do seu lugar uma referência de vida e que se tornam elas mesmas, símbolos do lugar [...]

Felipe (2001) mostra-nos que não se pode considerar o lugar apenas como descrito pelas condições naturais (clima, vegetação, solo) do discurso geográfico. É preciso buscar as representações espaciais nos discursos. Inclusive, a história das identidades espaciais regionais e locais, até nacionais, com sua relação com as idéias políticas, ideologias e representações espaciais de sua classe dominante (elite).

Além disso, para se entender um lugar, é preciso entender as aspirações da sua classe dominante, pois ela institui a cidade através, também, dos discursos. As elites sociais, pode-se inferir, constroem espaços por meio de ideologias políticas, formulando identidades espaciais, demarcando o território político de influência. Essas identidades espaciais sobre o lugar instituem-se através do discurso escrito ou falado, enfim, da linguagem.

O lugar, então, aparece como uma construção histórico-simbólica dos espaços. A demarcação de espacialidades, portanto, pode ser realizada através de seus rituais simbólicos, como as festas<sup>9</sup> cívicas ou religiosas, como também de sua área de influência política.

Note-se que a concepção de Felipe (2001) sobre o lugar é muito próxima da concepção de região de Chartier (2002), complementando a visão do lugar enquanto construção histórico-simbólica.

### 3.2.1 A relação dos discursos com a realidade

Tanto Chartier quanto Felipe (2001) chamam a atenção para a definição da região somente por suas características físicas. E assim, polemiza Chartier (2002) diretamente com a tradição vidaliana em geografia. Neste sentido, os autores têm muita razão em criticar essa postura em geografia. Porém, não se pode imaginar a construção de uma região apenas por suas significações ou representações simbólicas instituídas, mesmo que historicamente, pelos discursos.

As idéias podem-se estender às representações, às significações simbólicas ou até aos discursos, mas não são independentes do real. Gaddis (2003) refere-se a algo semelhante a isso quando escreve em seu livro sobre a representação do espaço pela cartografia.

Os mapas da cartografia, segundo o autor, são representações do espaço, de um território real, que existe. Mas é uma representação que reduz “a complexidade infinita a uma moldura de referência, finita, maleável” (GADDIS, 2003, p.48).

[...] Evitamos a literalidade na elaboração de mapas porque isso faria com que eles não se tornassem representações, mas sim

---

<sup>9</sup> Ferro (1989) refere-se às festas da seguinte maneira: a festa freqüentemente acompanha a comemoração ou confunde-se com ela. Realiza a reconstituição da história. A verdade histórica torna-se fruto de uma composição. A comemoração acusa silêncios, desloca os fatos e os seleciona. Tem uma função conservadora. A transmissão televisiva acrescentou, ao lado do comemorável e o não comemorável, o mostrado e o não mostrado cujo efeito é aumentar a legitimidade das instituições e das pessoas representadas. As comemorações têm como efeito reforçar o sistema. O controle sobre a história completa-se pelo dispositivo das comemorações e festas. Mas, pela sua extensão, elas não podem ser consideradas apenas como uma estratégia de poder. As festas de categorias de profissão têm por função fornecer um modelo aos mais jovens, reforçando o gosto pelo trabalho e a recompensa aos cidadãos exemplares; as festas e comemorações reforçam a identidade social.



réplicas. Os detalhes nos afogariam: a *destilação* necessária à compreensão e à transmissão de uma outra experiência se perderia. [...] Mas, apesar dessa utilidade óbvia, não existe um único mapa correto. E, então, se pensarmos a história como uma espécie de mapeamento? [...] Permitiria variar os níveis de detalhamento, não simplesmente como reflexo de escala, mas também da informação disponível num dado momento sobre uma paisagem específica, geográfica ou histórica [...].

[...] A comprovação na cartografia ocorre pela *adaptação* das representações à realidade. [...] Temos razões para representá-la: queremos encontrar nosso caminho sem precisar confiar em nossos sentidos imediatos; por isso, sorvemos a experiência generalizada de outros [...].

[...] A comprovação cartográfica é, portanto, totalmente relativa: depende de quão bem o desenhista atinge a adequação entre uma paisagem que está sendo mapeada e as demandas dos futuros usuários do mapa. Mas, apesar dessa indeterminação, não conheço um pós-modernista que negaria a existência de paisagens, ou a utilidade de representá-las. [...] Seria também imprudente que historiadores decidissem, em virtude do fato de que eles não têm uma base absoluta para medir tempo e espaço, que não se possa saber o que acontece dentro deles [...] grifos do original (GADDIS, 2003, p. 48 a 50)

Ou seja, o que Gaddis (2003) parece ressaltar é que não é possível ter uma representação literal da realidade, pois, do contrário, não seria uma representação, mas uma réplica. As representações são formas conceituais da realidade, e não a própria realidade. E essa adaptação pode-se dizer teórica, é importante para generalizar o conhecimento para os outros<sup>10</sup>.

Mas a generalização não é exata nem total. Essa indeterminação do real representado não significa a sua não-existência ou a inutilidade da representação do real. Para Gaddis (2003), o fato de não poder chegar a um conhecimento absoluto sobre o real não implica que não se possa conhecê-lo.

Gaddis (2003, p.16) refere-se a isso pela primeira vez em seu livro quando escreve sobre o “significado da consciência histórica”. De acordo com o autor, a maturidade nas relações humanas requer o reconhecimento da identidade do homem pelo caminho da aceitação de sua relativa insignificância no “esquema das coisas” (GADDIS, 2003, p.20).

[...] O reconhecimento da insignificância do homem não realça, como seria de esperar, o papel da mediação divina na explicação das questões humanas: é justamente o oposto. [...] Atribui a

<sup>10</sup> Posteriormente, Gaddis (2003, p.25) faz uma ressalva: é preciso “entender que generalizações nem sempre se aplicam a circunstâncias especiais [...]”.

responsabilidade dos acontecimentos históricos diretamente às pessoas que vivem através da história [...].

[...] Reconhecemos nossa insignificância no universo infinito. Sabemos ser impossível para nós [...] capturar em telas tudo o que vemos no horizonte longínquo, ou recapturarmos em nossos livros e leituras tudo o que aconteceu [...] o melhor que podemos fazer [...] é *reapresentar* a realidade [...].

[...] O mero ato de representação, todavia, nos faz sentir superiores porque nós mesmos estamos encarregados desta ação [...] [e segue:] dominamos uma paisagem mesmo quando somos diminuídos por ela – grifos do original (GADDIS, 2003, p.21 e 22)

O pesquisador é insignificante em relação à infinitude do conhecimento. Mas também porque não pode retratar toda a realidade e, mesmo esse retrato, não é mais do que uma representação da realidade. Essa representação da realidade, todavia, pode-se observar nas afirmações de Gaddis (2003), nos faz sentir superiores porque é através dela que “dominamos”, conhecemos a realidade.

O pesquisador seria limitado, portanto, tanto pela incapacidade de escrever, sobretudo o que ocorreu sobre um determinado fenômeno, mas também porque escreve ou conhece através de um sistema de signos, símbolos da realidade: “[...] a evidência de um historiador é sempre incompleta, sua perspectiva é sempre limitada [...]” (GADDIS, 2003, p.42).

O autor desenvolve essa idéia quando diferencia a representação literal da abstrata. Segundo Gaddis (2003, p.27), a singularidade da abstração é a sua projeção efetiva para “além do tempo e espaço”. De acordo com ele, há uma

[...] tensão entre particularidade e generalidade – entre representação literal e a abstrata [...]. A abstração é um exercício artificial que envolve uma supersimplificação de realidades complexas. [...] [os historiadores] empregam a abstração para superar uma restrição diferente, que é o distanciamento no tempo de seus objetos de estudo [...]

[...] Tensão por um lado, entre o literal e o abstrato, entre a descrição detalhada de fatos ocorridos em algum momento do passado, e, por outro, o amplo esboço que se estende por longos períodos da história [...] (GADDIS, 2003, p.29)

Os historiadores podem manipular o tempo e o espaço e até mesmo transcendê-los, continua afirmando Gaddis (2003, p.33), “[...] todavia, eles devem realizar essas manipulações de tal modo que, ao menos, elas se aproximem dos padrões de comprovação das ciências sociais [...]”.

Hobsbawm e Ranger (1997) referem-se a isso quando tratam do papel do historiador na invenção das tradições:

[...] Todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos neste processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao da investigação especializada, mas também a esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles devem estar atentos a esta dimensão de suas atividades [...].

[...] Sejam quais forem as continuidades históricas ou não envolvidas no conceito moderno [...] estes mesmos conceitos devem incluir um componente construído ou 'inventado'. E é exatamente porque grande parte dos constituintes subjetivos da 'nação' moderna consiste de tais construções, estando associada a símbolos adequados e, em geral, bastante recentes ou a um discurso elaborado a propósito (tal como o da 'história nacional'), que o fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem dar-se a atenção devida a 'invenção das tradições' [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.23).

Portanto, segundo Hobsbawm e Ranger (1997), há um envolvimento do historiador no processo de criação de tradições inventadas. O historiador não pode ser alheio a eles e as suas características de formação e existência. Existência científica, no dizer do autor, mas, também, social ou pública, para ser fiel as suas palavras.

Para Hobsbawm e Ranger (1997), os “constituintes subjetivos”, ou seja, a subjetividade de uma população está “associada a símbolos adequados”. A subjetividade do povo de um lugar associa símbolos, representações sobre o lugar em que vive ou sobre o modo de vidas sociais, adequadas, coerentes com seus modos de vida também sociais.

A forma de ver o espaço está condicionada por um momento histórico determinado, mas também o momento histórico determinado influencia o fazer do historiador.

Certeau (1979) também se refere à influência do meio na subjetividade do historiador, afirmando que todo sistema de pensamento encontra-se referido a “lugares” sociais, econômicos e culturais. O fazer da história, portanto, continua o autor, está relacionado entre um lugar e procedimentos de análise. A isso este autor chama de operação histórica.

Para ele, a operação histórica refere-se à combinação de um lugar social e de práticas científicas. E conclui que a escrita histórica se constrói em função do espaço em que está inserida ou, em outro momento, que a história é produto de um lugar.

Para Certeau (1979), o lugar tem uma dupla função: permite um tipo de produção e lhe interdita outros. A permissão e a interdição, continua o autor, são pontos cegos da pesquisa histórica, essa combinação que age no trabalho destinado a modificá-la.

A pesquisa está circunscrita pelo lugar que define uma conexão do possível com o impossível. A história se define por uma relação da linguagem com o corpo social e também com os limites colocados por esse mesmo corpo social: “[...] Toda interpretação histórica depende de um sistema de referência, que se infiltrando no trabalho de análise, organizando-o sem saber, remete a subjetividade do autor [...]” (CERTEAU, 1979).

Pode-se inferir, por este estudo de Certeau (1979), que é em função do lugar que se instauram os métodos e as indagações relativas aos documentos. A escrita representa simbolicamente um lugar, um espaço, e o espaço também define uma maneira, uma representação simbólica pelo historiador. É uma relação de mútua determinação.

Nesta mesma problemática, Lapa (1981) afirma que o historiador é sujeito histórico e produtor do conhecimento sobre a realidade histórica, portanto, sujeito e objeto do conhecimento ao mesmo tempo, em um processo interativo, ou seja, de influências recíprocas.

O conhecimento histórico produzido pelo historiador, continua Lapa (1981), é apenas uma forma teórica de apreensão do objeto pelo sujeito, dependente de sua natureza social. Não existe neutralidade científica.

Em outras palavras: o conhecimento histórico produzido pelo historiador é perpassado pelas influências sociais de seu tempo histórico, pela posição social em que se insere na sociedade, pelos métodos, técnicas, regras, leis teóricas e instrumentos de investigação existentes e assumidos, escolhidos ou selecionados por ele em suas pesquisas. “A mutabilidade do objeto leva também à mutabilidade do conhecimento” (LAPA, 1981, p.212).

Essa é a postura sobre a produção do conhecimento também estabelecida neste trabalho de pesquisa. O que se está fazendo aqui é um estudo histórico, no qual o autor sofre as influências sociais de seu meio, da posição social que ocupa e

do contexto histórico em que vive. Dessa forma, esse conhecimento será um dia superado por outros autores.

Neste sentido, é de suma importância o conceito de empatia de Rosanvallon (1995, p.22):

[...] A empatia, contrariamente à simpatia, não implica em nenhuma identificação. [...] Analisar os dados da situação na qual se encontra um autor, e apreender com riqueza a estrutura do campo histórico-intelectual no qual se move [...], analisar permanentemente a diferença entre minha situação própria e aquela que observo [...] [e citando FOULQUIÉ prossegue] 'a empatia [...] aparece essencialmente como movimento participativo, visando a compreensão do outro na qualidade de *outro* e a antevisão de suas potencialidades' [...] grifo do original.

Referem-se, muitas vezes, aos Rosado como uma família de prática política manipuladora na invenção das tradições. Mas, seria isso suficiente para fornecer toda a explicação? É preciso compreender a prática política da família Rosado dentro da estrutura histórico-intelectual em que se move.

Afirma-se, inclusive, que eles introduzem novos problemas que não existiam nos movimentos originais. Mas será que as tradições "inventadas" pelos Rosados não seriam uma necessidade imperiosa da realidade da época para manter os vínculos sociais, a coesão da sociedade? Não seria essa busca da identidade local (regionalismo) a forma como o nacionalismo brasileiro se formou por todo o país? Não seria esse movimento apenas uma sensibilidade de Dix-sept Rosado para um movimento que se gestava socialmente em toda a extensão do território brasileiro? Não seria a identidade local algo importante?

Somente os Rosado tentam identificar a história da cidade com a história de sua família, ou isso seria uma prática recorrente nas famílias tradicionais do que se convencionou chamar de Nordeste, ou quem sabe, prática recorrente de um período histórico nacional? Qual a relação entre a construção histórico-simbólica do Estado Nacional e os espaços regionais e locais, como o de Mossoró? Qual a relação entre o regionalismo e o nacionalismo na construção cultural e nas percepções espaciais do lugar?

Essas e outras questões precisam ser levantadas para problematizar e compreender o fenômeno social da Coleção Mossoroense como algo complexo.

### 3.3 AS TRADIÇÕES NA INVENÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE

Na representação simbólica do lugar, as tradições cumprem um papel fundamental, são um dos fatores instituidores do lugar. Mas seria importante estudá-las? Inclusive se forem inventadas? Caso afirmativo, como se devem estudar as tradições?

Hobsbawm e Ranger (1997, p.21) respondem a essas questões, apresentando três razões fundamentais para se estudarem as tradições:

[...] Será que os historiadores devem dedicar-se a estudar estes fenômenos? [...]. É melhor refazer a questão: o que os historiadores ganham com o estudo da invenção das tradições?

[...] As tradições inventadas são sintomas importantes e, portanto, indicadores de problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados no tempo. Elas são indícios. Pode-se elucidar melhor como o antigo [...] assumiu sua nova forma [...]. Por sinal o estudo das tradições inventadas não pode ser separado do contexto mais amplo da história da sociedade, e só avançará além da simples descoberta destas práticas se estiver integrado a um estudo mais amplo [...].

O estudo das tradições inventadas permitiria detectar problemas e historicizar como os valores antigos assumiram sua forma nova<sup>11</sup>. Além disso, Hobsbawm e Ranger (1997) chamam a atenção para o fato de que o estudo das tradições inventadas precisa ser feito considerando o contexto social mais amplo, inclusive, são categórico ao afirmar que só dessa forma se podem detectar os problemas e historicizar seu desenvolvimento da forma antiga para a nova forma.

[...] Em segundo lugar, o estudo dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado e, por seguinte, o próprio assunto e ofício do historiador. Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e, como cimento da coesão grupal. Muitas vezes, ela se torna o próprio símbolo de conflito [...] (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.21).

Outro ponto importante para o qual esses autores chamam a atenção é para o fato de que a tradição inventada utiliza a história como legitimadora das ações,

---

<sup>11</sup> O autor parece aqui afirmar que as tradições têm uma certa linha de continuidade, mas, na verdade, ele diz das tradições assumirem uma nova forma. Portanto, é uma continuidade e descontinuidade. Ou seja, mesmo que uma certa tradição tenha relação com uma tradição passada, ela pode estar assumindo uma forma nova, uma nova roupagem. Mesmo assim, ela não deixa de ser uma tradição, pois possui referência ao passado, mas também nova, devido a sua finalidade atualizada.

forjando a coesão grupal. Ou seja, a tradição inventada não é apenas legitimadora de um grupo ou poder dominante, mas também tem uma importância social ao tornar mais cimentados os laços entre os indivíduos de um lugar. E, ao tornar-se motivo da coesão social (grupal, nas palavras de Hobsbawm e Ranger 1997), muitas vezes, torna-se o próprio símbolo do conflito.

Na história da cidade de Mossoró, tanto a invasão do bando de Lampião quanto a libertação dos escravos são questionadas por historiadores, ou seja, são tradições motivadoras de conflitos.

Mas, afinal, em que sentido Hobsbawm e Ranger (1997) referem-se às tradições inventadas?

[...] O termo 'tradição inventada' é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as 'tradições' realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.09).

E continuam:

[...] Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto [...]. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.10).

Mas o que são “tradições inventadas”? São aquelas construídas e formalmente institucionalizadas; um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, “uma linguagem elaborada composta de práticas e comunicações simbólicas” que objetiva inculcar valores e normas de comportamento através da

repetição, a qual tem um valor muito grande na instituição das tradições inventadas, pois tenta estruturar, de maneira imutável, alguns aspectos da vida social, impondo práticas formais fixas, estabelecendo uma continuidade do ritual presente com o passado histórico e aí, dessa maneira, tornando-se bastante artificial: “a inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade”. Na verdade, dizem Hobsbawm e Ranger (1997), utiliza-se de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais.

Como destaca o autor, o objetivo primordial não é estudar as chances de sobrevivência dessas tradições inventadas, mas, sim, o modo como elas surgiram e se estabeleceram (Hobsbawm e Ranger, 1997, p.09). Pode-se incluir: como se reproduzem.

As afirmações acima nos levam a refletir sobre quais seriam as táticas de natureza simbólica que a Coleção Mossoroense tentaria “inculcar” – para utilizar uma expressão do autor – ou identificar determinados valores do povo mossoroense com Dix-sept Rosado.

As festas cívicas ou religiosas, como o Auto da Liberdade<sup>12</sup> ou a Festa de Santa Luzia<sup>13</sup>, significariam alguma tentativa de formar valores através de rituais? A repetição com a qual essas celebrações ocorrem e a quantidade de obras sobre e de Dix-sept Rosado seriam uma tentativa de validar, transformar em verdadeiro suas afirmações e/ou seria uma forma de estabelecer um elo com a imagem construída do passado de Jerônimo Ribeiro Rosado?

Esses valores são reações a situações novas ou resistência a situações anteriores? Valores em conformidade com as constantes mudanças e inovações do mundo ou tentativa de estruturar de maneira imutável aspectos da vida social que justifiquem, consolidem ou reproduzam o seu poder político ou da família? São várias as interrogações inspiradas por esse trecho de Hobsbawm e Ranger (1997).

---

<sup>12</sup> O Auto da Liberdade é uma comemoração cívica da libertação dos escravos em Mossoró. Ocorre desfile de jovens e crianças das escolas municipais, com carros alegóricos temáticos e outros.

<sup>13</sup> É a festa da padroeira. Inicia-se com uma novena, mas o ponto alto é a festa do início de dezembro, estendendo-se até o dia 13 de dezembro (dia da padroeira), misturando-se o sagrado e o profano em um corredor onde se realiza um grande comércio: os responsáveis pela Catedral da cidade alugam o espaço ao redor para o comércio de roupas, bijuterias, bebidas, jogos de azar, etc., juntamente com o comércio de artigos de motivação religiosa.



Tradição inventada não significa que seja falsa. Invenção está sendo usada aqui da mesma forma que Albuquerque Júnior (2001, p.04) definiu em sua entrevista no Jornal do CERES, referindo-se à invenção do Nordeste:

[...] Inventar significa exatamente que foi construído por uma multiplicidade de personagens, de sujeitos, de práticas sociais. Quer dizer, o Nordeste não é produto de uma única pessoa, de um único grupo, mas é uma construção social, uma construção coletiva, histórica, que foi feita ao longo de um determinado tempo. É uma construção tanto de práticas discursivas, quanto de práticas não-discursivas. E a idéia de invenção, ela tem exatamente a idéia de desnaturalizar o espaço Nordeste, quer dizer, a idéia de invenção está no sentido de pensar que tudo na história foi criado, foi construído pelos homens num determinado momento, portanto, foram inventados [...]

As relações sociais entre os homens não são naturais, mas construídas ao longo da história. Como também o espaço do lugar. Não é natural, mas fruto das relações entre os homens instituídos através da história. Por isso, o termo *inventado*, para dar a idéia do processo subjetivo de sua criação.

No entanto, não é inventado do nada, no vazio, mas das relações concretas entre os homens. Por uma multiplicidade de ações. O concreto só é concreto porque reúne as múltiplas determinações (MARX, 1983).

Apesar de Albuquerque Júnior (2001) enfatizar muito o discurso na invenção do espaço, no caso, o Nordeste, note que ele se refere também às práticas sociais. Assim, não é só o discurso que constrói o espaço, as relações sociais entre os homens, também.

De acordo com Hobsbawm e Ranger (1997, p.10), “[...] o objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. [...]”.

No trecho acima, o autor afirma que a característica principal das tradições é seu caráter de invariabilidade. E é através da repetição que se fixa a sua prática social. Aqui se encontra o raciocínio dialético de Hobsbawm e Ranger (1997), pois entende que a tradição tem um caráter de invariabilidade, mas assume formas novas que, apesar da novidade, procura se legitimar através da sua identificação como continuidade do passado. É um novo travestido de tradição antiga.

[...] A invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Os historiadores ainda não estudaram adequadamente o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados. [...] Talvez seja mais fácil determinar a origem do processo [...]. É mais difícil descobrir essa origem quando as tradições tenham sido em parte inventadas, em parte desenvolvidas em grupos fechados (onde é menos provável que o processo tenha sido registrado em documentos) [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.12).

O processo de criação dos rituais, ou pode-se dizer também dos valores, segundo Hobsbawm e Ranger (1997), ainda não foi estudado adequadamente pelos historiadores. Mas determinar a origem seria mais fácil.

Apesar de a Coleção Mossoroense se constituir em um veículo de construção simbólica de uma família, a sua tentativa de se impor enquanto obra literária lhe reservou um caráter mais aberto, sendo fácil estabelecer a origem da construção simbólica dos valores dos Rosado. E, mesmo sendo fixada em um grupo fechado, a divisão das tarefas na família para o empreendimento da propaganda que garantisse a perpetuação do poder dos Rosados foi trazida a público por Felipe (2001). Provavelmente, foi possível determinar esse fenômeno porque o desenvolvimento dependia de se tornar pública a Coleção, assim, tornou-se visível por meio da investigação científica.

Hobsbawm e Ranger (1997) chamam a atenção para o fato de a formação de tradições não ser característica das sociedades tradicionais, mas comum até nas sociedades ditas modernas. Assim, acrescenta mais uma característica à tradição: seu poder de adaptação.

[...] Tais formalizações não se cingem às chamadas sociedades 'tradicionais', mas que também ocorrem, sob as mais diversas formas, nas sociedades 'modernas'. [...] É preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estrutura de comunidade e autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas, eram rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as 'novas' tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas. Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação [...]. A inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antigüidade [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.13).

Em seguida,

[...] Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997,p.14.)

A adaptação da tradição, de acordo com esses autores, pode ser para sintonizá-la com a realidade atual ou para conseguir outra finalidade. E o curioso é que Hobsbawm e Ranger (1997) chamam a atenção para a adaptabilidade da tradição não significar perda de *status* de inovação por causa de sua capacidade de se ligar ao passado.

Será que a família Rosado adaptou sua tradição ao longo do tempo? Pelo período em que conservam o poder político, tudo indica que sim. Silva (2004) mostra que Dix-huit Rosado participou do movimento “revolucionário” de 1930, foi legalista em 1932, golpista em 1937, ao apoiar o Estado Novo, e defensor da democratização em 1945. Tanta “versatilidade” em um único indivíduo pode significar que o estudo de Dix-huit Rosado, da sua família ou de outro membro familiar possa trazer muitas informações importantes e singulares a respeito da família. Em todo caso, o trabalho de pesquisa proposto centra-se em Dix-sept Rosado.

Hobsbawm e Ranger (1997, p.17) classificam as tradições em três categorias superpostas:

[...] a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Embora as tradições dos tipos *b* e *c* tenham sido certamente inventadas [...] pode-se partir do pressuposto de que o tipo *a*) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma ‘comunidade’ e/ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a ‘nação’ [...].

Na Coleção Mossoroense, podem-se encontrar aspectos da tradição caracterizada nas três categorias. Ela trabalha tradição para definir condições de admissão/identificação na comunidade, no caso, da cidade de Mossoró. Mas também tradições que estabelecem e legitimam a autoridade de uma determinada família, no caso de Mossoró, a família Rosado.

Entretanto, as tradições do tipo C se aproximam mais do que se pretende estudar sobre Dix-sept Rosado. Porém, enquanto Hobsbawm e Ranger (1997) referem-se ao estabelecimento de valores e padrões de comportamento para a cidade, tendo em vista, como um dos objetivos, a socialização e a reprodução do poder político, na pesquisa que aqui se trata, procura-se investigar quais são os valores instituídos para Dix-sept Rosado.

Hobsbawm e Ranger (1997) prosseguem afirmando como natural os movimentos ideológicos e de grupos tornarem necessárias a invenção de uma continuidade histórica. Inclusive, os que propõem a ruptura com a tradição formam outras tradições e, mesmo os tradicionalistas, estão em um processo de constante adaptação:

[...] Também não devemos esquecer a ruptura da continuidade que está às vezes bem visível [...]. Tal ruptura é visível mesmo em movimentos que deliberadamente se denominam 'tradicionalistas' e que atraem grupos considerados por unanimidade repositórios da continuidade histórica e da tradição [...] Nunca poderão desenvolver, nem preservar um passado vivo [...] estão destinados a se transformarem em 'tradições inventadas'. Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não deve ser confundida com a 'invenção de tradições'. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam. Ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados. Assim, ao colocar-se conscientemente contra a tradição e a favor das inovações radicais, a ideologia liberal da transformação social, no século passado, deixou de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos nas sociedades precedentes, gerando vácuos que puderam ser preenchidos com tradições inventadas [...] (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.16).

Aqui, esses autores fazem alusões importantes para a reflexão: as tradições "inventadas" – ou não – pelos Rosado não seriam uma necessidade imperiosa da realidade da época para manter os vínculos sociais, a coesão da sociedade? Qual a relação entre o regionalismo e o nacionalismo na construção cultural e nas percepções espaciais do lugar?

## 4 A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DOS MITOS

Discute-se como a Coleção Mossoroense produz o espaço da cidade através de um discurso instituído na produção do conhecimento em história, identificando a história da cidade com a da família Rosado. Essa análise historiográfica é complementada com uma análise política do papel da Coleção Mossoroense na cidade de Mossoró. Ao mesmo tempo, demonstra-s, neste capítulo, que tais livros também cumprem um papel de integração social entre os indivíduos do lugar.

### 4.1 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA COLEÇÃO MOSSOROENSE EM HISTÓRIA

De acordo com Lapa (1981), historiografia é o exame ou estudo da evolução do processo de produção do conhecimento em história, o qual é ininterrupto e incessante.

A historiografia seria, portanto, o estudo da representação da realidade histórica e do processo que determinou uma escrita da história. Conforme Lapa (1981), a historiografia não seria uma enumeração de autores e obras, descrevendo o que se produziu nos livros de História, mas o estudo que procura captar em profundidade o conteúdo das obras, da palavra, das idéias, procurando interpretar seu significado, e da própria ação dos historiadores ao longo de sua vida.

A esta definição da historiografia, que considera as obras históricas em seu conteúdo implícito e o que as determinam, Ferro (1989) acrescenta que a historiografia é o inventário de focos de suas produções e dos seus procedimentos de análise.

A Coleção Mossoroense, portanto, pelos livros estudados sobre e de Dix-sept Rosado, escreve uma história política tradicional como a definida por Rosanvallon (1995). Ou seja, marcada pela exaltação dos feitos individuais, dos heróis na história, a Coleção Mossoroense acaba por se destacar pelo seu discurso narrativo, pela superestimação do fato, enaltecendo os personagens como únicos indivíduos detentores do poder de ação realizável devido as suas características ou qualidades

intelectuais e morais individuais. Ou, ainda, pela particularidade de seu caráter singular<sup>14</sup>.

Já Ferro (1989) caracterizaria a produção histórica da Coleção Mossoroense como algo mais parecido com uma história institucional.

A história institucional é aquela realizada por uma instituição. Caracteriza-se por uma história que fornece não só a base social de uma doutrina, mas a determina e a torna possível. É uma necessidade de cada grupo social que assim justifica e legitima sua existência.

A função da história institucional é fornecer legitimidade. Sua função é independente do signo ideológico em que se baseia a instituição. Os mesmos personagens históricos mudam de sentido conforme a legitimidade muda de signo, de foco e de como é definida (FERRO, 1989).

Na verdade, a definição de Ferro (1989) não se opõe à caracterização da Coleção Mossoroense enquanto discurso narrativo, de fatos históricos realizados pelos heróis, mas, antes, complementa, tornando a visão da Coleção Mossoroense mais ampliada.

#### **4.1. 1 O papel político da Coleção Mossoroense**

A Coleção Mossoroense tem uma importância muito grande para Mossoró ao divulgar sua história, seus recursos, enfim, a cidade. Como também é importante como veículo alternativo para a publicação de livros, artigos, enfim, da produção científica e literária dos intelectuais e pesquisadores. Além de tudo isso, tem uma importância na representação simbólica que cria do lugar.

Através dela, Vingt-un Rosado construiu uma imagem de Mossoró como libertadora, pioneira, que resiste às injustiças, etc., baseando-se nos fatos históricos anteriores da cidade, principalmente nos fatos que ficaram conhecidos como o

---

<sup>14</sup> Esta caracterização estaria coerente com os estudos historiográficos de Mota (1994), uma vez que o período inicial de seu estudo (1930), ele aponta como a época de contestação à historiografia da elite oligárquica, esta que era empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca (heróis-civilizadores locais). Portanto, era característico da elite oligárquica o discurso dos heróis civilizadores locais.

Motim das Mulheres, a Libertação dos Escravos, o Voto Feminino e o rechaço a Lampião.

Todos os fatos relatados nela existiram, todavia, Vingt-un Rosado reuniu historiadores e intelectuais de outras áreas para enaltecer determinados aspectos e atualizar ou distender suas características até o presente.

Hobsbawm e Ranger (1997) chamam a atenção para essa característica da tradição inventada<sup>15</sup>, do poder de sua extensão até o presente. De acordo com o autor, a tradição inventada utiliza-se de elementos antigos na elaboração de novas tradições para fins bastante originais. A tradição inventada estabelece uma continuidade do ritual presente com o passado histórico.

[...] Desfile cívico militar, inaugurações públicas, palestras e lançamentos de livros, festas populares, homenagens prestadas aos personagens ilustres da vida pública da cidade, etc. Consideramos que nestas comemorações estão basicamente os sustentáculos estimuladores que garantem a identidade do lugar [...] [e continua] [...] A restituição do passado, tem o objetivo prioritário, de respaldar as ações de personagens contemporâneos [...] (BRAZ, 1999, p.08 e 10, respectivamente).<sup>16</sup>

As festas cívicas ou religiosas, portanto, como o Auto da Liberdade ou a Festa de Santa Luzia, significam uma tentativa de formar valores através da repetição de rituais com os quais as celebrações desses eventos ocorrem<sup>17</sup>. Em relação a Dix-sept Rosado, a quantidade de obras sobre ele é uma tentativa de construir uma imagem desse personagem da história de Mossoró de modo a estabelecer uma continuidade de suas características nos membros da família à frente de cargos políticos.

---

<sup>15</sup> Ver página 46 deste trabalho.

<sup>16</sup> E, em outra oportunidade, o mesmo autor escreve: “[...] Personagens e instituições manipulam a história transferindo do passado os fatos que interessam para eles na construção do presente [...]” (p.84). Mais: “[...] Ao fazer a relação passado e presente tem o objetivo de estabelecer semelhanças entre fatos e personagens como construtores daquele passado e continuadores desta obra no presente. É assim que os heróis de ontem são personificados naqueles que exercem o domínio público local [...]” (p.88) no presente, pode-se acrescentar.

<sup>17</sup> “[...] A recordação, o culto, enfim a presença do antepassado mantém a identidade coletiva e/ou individual. O tema do antepassado, das origens, da genealogia repete-se nos símbolos, nas tatuagens, nos emblemas, nos enfeites, nos ritos, nas cerimônias e nas festas. E no caso que ora se trata, também, na escrita [...]” (PAIVA NETO, 1995, p.07). Em relação à escrita, o autor refere-se à Coleção Mossoroense.

Paiva Neto (1995) refere-se à utilização dessas imagens nos discursos políticos, principalmente dos membros da família Rosado, depois ou durante as campanhas eleitorais<sup>18</sup>.

O Motim das Mulheres ocorreu. Mas as lutas sociais não eram privilégio ou característica singular delas em Mossoró. Em 1875, o país se via envolvido em vários movimentos populares contra o Império. Eram as lutas sociais ganhando sentimento nacional. Delas vieram movimentos de revolta popular, como a reação contra o alistamento militar, o sistema de pesos e medidas, o aumento dos impostos e a questão religiosa.

Isso não diminui a participação ou a atitude das mulheres mossoroenses da época contra o alistamento militar obrigatório, mas isso ocorria em um contexto crescente de lutas sociais no Brasil. E que se preste atenção: mulheres da época. A entonação da Coleção Mossoroense ao enaltecer repetidamente esse acontecimento aparenta que, por herança, essa atitude lutadora das mulheres do século XIX esteja presente na mulher do século XXI. As mulheres de Mossoró lutam, continuam lutando, mas por outros motivos, e outras são as origens de sua luta, sem relação com o motim.

Foi nesse mesmo período, final do século XIX, que ocorreu a libertação dos escravos em Mossoró. Pode-se dizer que Mossoró foi a primeira cidade do Rio Grande do Norte a fazer campanhas sistemáticas para a abolição dos escravos e pioneira na sua libertação. Pode-se dizer também que a libertação dos escravos em Mossoró deu-se 5 (cinco) anos antes da Lei Áurea (1888), foi em 1883. Tudo isso pode ser dito.

Porém, Braz (1999) mostra que o Rio Grande do Norte não era um Estado que dependia da força de trabalho escrava para o seu desenvolvimento. O sítio da própria Prefeitura de Mossoró também reconhece isso.

Mossoró, portanto, nunca foi uma cidade escravocrata. De acordo com o sítio da Prefeitura, possuía apenas 153 escravos em 1862, para uma população livre de 2.493 indivíduos. Estatisticamente, o percentual de escravos era insignificante

---

<sup>18</sup> “[...] A ritualização pode, por sua vez, vir a ser praticada em momentos de campanhas eleitorais e das datas comemorativas dos bens simbólicos acumulados historicamente, através de festas e do voto e nas ‘Noites de Cultura’ – esta última é um fórum, onde são lançados os títulos da coleção [Coleção Mossoroense], que conta com a participação da população, dos intelectuais e das elites políticas, capitaneadas pelos membros da família Rosado [...]” (PAIVA NETO, 1995, p.12).



economicamente (6%)<sup>19</sup>. A cidade não tinha engenhos, e a pecuária existente não precisava de muitos braços.

Mossoró, inclusive, tinha um movimento abolicionista forte porque, em primeiro lugar, a seca garantia a força de trabalho abundante, tornando desnecessária a utilização do trabalho escravo.

Em segundo lugar, o movimento abolicionista era forte em Mossoró devido à influência dos comerciantes do Ceará.

[...] Regionalmente foi o intercâmbio comercial com as praças do Ceará, entre elas, Aracati e Fortaleza que levou Mossoró a envolver-se em acontecimentos no âmbito regional e nacional. Como ocorreria com relação ao tráfico interprovincial de escravos e a abolição da escravidão [...] [e em outra oportunidade escreve] [...] A abolição da escravidão em Mossoró ocorreu em consequência do processo abolicionista que foi desencadeado a partir da vizinha província do Ceará [...] ( BRAZ, 1999, p. 15 e 49 respectivamente).

Como em Mossoró havia muitos comerciantes advindos do Ceará, eles pensaram em estender a luta vitoriosa do Estado para Mossoró.

A idéia de libertação dos escravos começou no Ceará em 1881. As lutas de libertação dos escravos no Estado do Ceará eram bastante fortes, alcançando a alforria dos escravos em muitas de suas cidades, como em Icó, por exemplo, muito antes de Mossoró.

Nessa época, 1883, Mossoró contava apenas com 86 escravos. Ou seja, enquanto a cidade aumentava a concentração populacional devido à atração exercida pelo florescimento do seu comércio, o número de escravos utilizados como força de trabalho em Mossoró estava diminuindo<sup>20</sup>. A 10 de junho, a Sociedade Libertadora Mossoroense consegue ainda a alforria de 40 desses escravos. Nenhum dono de escravo fez questão de indenização.

<sup>19</sup> “[...] Ao comparar a população escrava da cidade de Mossoró com as dos demais locais, constatou que os escravos concentrados em Mossoró nesta época era o menor grupo em toda a província [...]” (BRAZ, 1999, p.45).

<sup>20</sup> Braz (1999, p.28), inclusive, chama a atenção para o fato de que a proibição do tráfico externo de escravos intensificou o tráfico interno a ponto de influenciar o fim da abolição dos escravos na região norte do Brasil: “[...] O comércio inter-regional de escravos incluiu principalmente as províncias do Norte como fornecedoras dessa mão-de-obra para a maioria das províncias onde se cultivava o café. As causas para a transferência da população escrava eram justificadas principalmente pela situação econômica da região Norte, onde os longos períodos de estiagem comprometia a agricultura e a criação de gado [...]” e em outro momento lê-se: “[...] O tráfico inter-regional serviu, de alguma maneira, para que os proprietários de escravos do Norte emancipassem seus escravos sem prejuízos, aproveitando-se da vigência deste comércio e da cotação por escravos que esteve sempre favorável. [...] Os abolicionistas foram favorecidos pelas condições locais, onde praticamente não houve reação à realização dos seus objetivos [...]” (p.46).

O dia 30 de setembro de 1883 foi a data designada para a libertação total dos escravos.

A libertação dos escravos em Mossoró foi influenciada pela posição social dos abolicionistas. Como comerciantes, não utilizavam a força de trabalho escravo. Além disso, encontra uma cidade onde a quantidade de escravos e o comércio deles eram insignificantes<sup>21</sup>.

Os abolicionistas, como comerciantes, mantinham relações próximas com o chefe político local de Mossoró da época e também grande comerciante, Romualdo Lopes Galvão. Inclusive, este foi presidente provisório da Sociedade Libertadora Mossoroense em seu início e, em 1883, era presidente da Câmara dos Vereadores. Ou seja, os comerciantes tinham uma influência política muito grande na cidade.

Apesar do sítio da Prefeitura de Mossoró referir-se a uma luta coletiva, insinuando a participação popular, nota-se que a abolição dos escravos, em Mossoró, não foi uma luta massiva, de todo o povo, mas de suas camadas sociais mais influentes político e economicamente. Inclusive, a sessão solene da Sociedade Libertadora vai ser realizada na própria Câmara dos Vereadores. A participação popular restringiu-se aos festejos em comemoração da ocasião.

Não há uma luta coletiva porque a realidade de Mossoró na época não exigia isso. Não havia oposição à abolição dos escravos. A participação popular nos festejos da libertação dos escravos em Mossoró era o reconhecimento da população da disposição de luta dos abolicionistas, a aceitação de suas idéias e o apoio passivo a sua luta. Não era um engajamento ativo na luta, até porque esta não exigia tamanha dedicação<sup>22</sup>.

[...] A propagação do movimento abolicionista em Mossoró não encontrou proprietários de escravos receosos de perderem seu patrimônio, ou exigindo indenização para libertar seus escravos. Não há registros de depoimentos de políticos no âmbito local que fossem contrários ao abolicionismo [...] em parte pela condição econômica da cidade que as vésperas da abolição vivia fundamentalmente do comércio [...] (BRAZ, 1999, p.42)

---

<sup>21</sup> “[...] O reduzido numero de escravos e a irrelevante importância destes nas atividades econômicas local, foram fatores influenciadores no processo abolicionista em Mossoró. Daí, não se encontrar dificuldades [...]” (BRAZ, 1999, p. 38).

<sup>22</sup> “[...] Na realidade, este destaque sobre a participação popular no processo abolicionista mossoroense reflete na tentativa de impingir no povo a integração e valorização às comemorações dos eventos que lembram os grandes feitos dos seus antepassados [...]” (BRAZ, 1999, p. 58).

Apesar da euforia com que a libertação dos escravos é narrada pelos historiadores da Coleção Mossoroense, o dia 30 de setembro passou a ser uma data cívica da cidade somente em 1913, três décadas depois, quando a Lei nº 30, de 13 de setembro, declarou feriado o dia 30 de setembro.

[...] A partir da década de cinquenta estas comemorações ocuparam novos espaços no cenário urbano [...] [e em outra oportunidade segue afirmando] [...] a situação de indiferença às comemorações abolicionistas não mudou muito até a década de cinquenta. A partir de então, outras formas de tradições foram somadas as já existentes e isto contribuiu significativamente para a participação popular [...] (BRAZ, 1999, p.61 e 64 respectivamente).<sup>23</sup>

Mossoró foi a primeira na libertação dos escravos no Rio Grande do Norte, e não no Brasil. Mas ainda é preciso analisar o contexto: não tinha impacto econômico. Isso facilitou. E diferentemente do que traça a Coleção Mossoroense, não foi uma luta popular, mas de uma fração de sua classe dominante da época.

A abolição dos escravos em Mossoró é o festejo cívico mais importante da cidade, de modo que todos os outros são, inclusive, relacionados a ele. Rosado (apud BRAZ, 1999, p.87) afirma:

[...] Os camboas, os Ausentes, os Guilherme de Melo, os Freitas Costa, os Souza Machado, tantos outros povoadores que enfrentaram o desafio do semi-árido eram bem os antepassados dos homens e das mulheres de 83 [refere-se a 1883]... A grande saga da Resistência de Rodolfo Fernandes de 83... Celina Viana a eleitora pioneira se emparelharia com Amélia de Souza Galvão [...]

O rechaço a Lampião, quando aparece o prefeito Rodolfo Fernandes, é outro fato histórico idealizado através da Coleção Mossoroense. Ele também ocorreu. Mas como uma chuva de bala? É bem verdade que o tamanho de Mossoró na época,

<sup>23</sup> Encontram-se várias passagens em Braz (1999) sobre isso: “[...] Durante várias décadas, tentou-se, em Mossoró, despertar a população para a importância de festejar o aniversário da abolição da escravidão. Notamos que até a criação do feriado pelo poder público municipal, as comemorações não mereceram muita atenção da população local. Como registramos acima, mesmo com a desobrigação das atividades diárias, o feriado do 30 de setembro ainda permaneceu sendo comemorado de forma isolada, o que preocupava as autoridades locais. Somente durante o decorrer da década de cinquenta foi que esta realidade começou a mudar [...]” (p.66). Outra: “[...] A década de cinquenta merece nossa atenção em virtude das criações que aparecem no cenário urbano, as quais, incentivadas pelo poder público, vão reforçar a manutenção e/ou identificação das tradições locais. Dessas criações, a Coleção Mossoroense tem contribuído muito com a disseminação dos acontecimentos sociais [...]” (p.68). Em outro momento, afirma: “[...] Pela importância que passaram a ocupar estes organismos na sociedade mossoroense é que indicamos ter havido a partir da década de cinquenta uma valorização mais efetiva dos fatos da história local, sendo priorizados aqueles de maior significado para estes organismos oficiais [...]” (p.72).

1927 aproximadamente, a luta contra o bando de Lampião poderia dar uma impressão de luta generalizada. Os livros da Coleção Mossoroense, inclusive em quadrinhos, refere-se a uma “chuva de bala”, termo que será o título da peça teatral anual da cidade que trata desse tema<sup>24</sup>. Mas o conflito armado foi restrito a uma pequena área.

Inclusive, se fosse para aceitar a versão de uma chuva de bala, seria mais factível referir-se a uma garoa porque, segundo o sítio da Prefeitura de Mossoró, não foi um combate longo: iniciou-se às quatro horas da tarde, aproximadamente, sendo os últimos disparos dados cerca de uma hora e meia depois.

A Coleção Mossoroense enaltece bastante o aspecto do heroísmo no rechaço do bando de Lampião em Mossoró e pouco se refere ao ato covarde como foi morto o cangaceiro Jararaca. Apesar de ferido gravemente, Jararaca foi feito prisioneiro e morto depois com requintes de crueldade.

Somente os aspectos heróicos são entoados pela Coleção Mossoroense. A análise de cada personagem dentro do seu contexto histórico, de sua posição social ou de classe, é esmaecida em prol de um interesse ideológico particular.

De acordo com Silva (2004), a Coleção Mossoroense constitui-se em um instrumento político estratégico da família Rosado com o objetivo de perpetuar, consolidar e manter o poder político.

Como surgiu a Coleção Mossoroense? A partir de que momento começou a construir esses símbolos?

Conta Felipe (2001) que Dix-sept Rosado foi o autor intelectual de toda uma arquitetura de propaganda e afirmação da sua família com vistas a perpetuar-se no poder. Desde o seu início, a Coleção Mossoroense teve como objetivo enaltecer e identificar a história da cidade com a família Rosado, formando, assim, uma cultura regional particular da cidade.

---

<sup>24</sup> A peça teatral trata justamente da investida do bando de Lampião na cidade de Mossoró. Ela é encenada e é o ponto alto do evento do Auto da Liberdade. A peça e o Auto são tradicionais na cidade, e, no início, a encenação era simples, não mobilizava tantos recursos financeiros, artísticos, logísticos e de pessoal. Atualmente, os organizadores da peça trazem sempre um nome nacional para dirigi-la, e, com efeitos especiais e shows pirotécnicos, o evento teatral tem alcançado patamares altíssimos de profissionalismo. Inclusive, sendo posteriormente exibida na televisão, o que muda, consideravelmente, seus aspectos simbólicos (CORSETTI, PADRÓS e BERGAMASCHI 2002). Esse esforço dos organizadores, como a prefeitura de Mossoró, tem como objetivo inserir a cidade no roteiro turístico de shows e eventos que existem por todo o País. O Auto da Liberdade e, principalmente, a peça teatral mobilizam uma quantidade enorme de espectadores, constituindo-se em mais uma possibilidade de diversão e descontração para a população de todas as idades do município.

[...] A **Coleção Mossoroense** tornou-se, ao longo da sua existência no instrumento político vital para a reprodução do poder do grupo familiar. Pois ela serve para a fabricação da imortalidade dos Rosados e, principalmente, para, através da história local/regional, narradas nos diversos títulos, inventarem a sua cultura particular, na qual os fragmentos do passado comparecem para nortear as experiências do presente e a construção do futuro [...] grifos do autor (FELIPE, 2001, p.123).

Este conjunto de publicações, portanto, forja uma cultura particular com o objetivo de reproduzir o poder de um grupo familiar, através da identificação do lugar com a família, ou seja, através de representações simbólicas do espaço regional e/ou local com a família Rosado.

É dada ênfase, portanto, a uma história política e cultural na construção do espaço de Mossoró. A Coleção Mossoroense seria responsável por uma dizibilidade e visibilidade de Mossoró, fomentando uma cultura local particular, de modo a manter o poder político da família Rosado.

Estão se utilizando os conceitos de dizibilidade e visibilidade conforme as contribuições de Albuquerque Júnior (1999). Ele afirma que o espaço do Nordeste foi instituído também por discursos. Uma forma de dizer da região criou uma imagem, uma visão, uma forma de ver pelos outros deste espaço. É deste modo que se utilizam estes conceitos aqui.

A Coleção Mossoroense faz algo semelhante com Mossoró. Através das suas publicações, institui uma forma de ver da cidade, formando, assim, uma imagem de Mossoró como uma cidade de características ou cultura singulares.

Os livros de Felipe (2001)<sup>25</sup> e Silva (2004)<sup>26</sup> são excelentes estudos sobre o imaginário construído pela Coleção Mossoroense sobre a cidade de Mossoró em sua identificação com a família Rosado. E esta pesquisa sobre Dix-sept Rosado surgiu como inspiração destes livros.

Entretanto, como a Coleção Mossoroense trabalha esse imaginário no exemplo concreto em um personagem da família Rosado, como no caso de Dix-sept Rosado, ainda não se fez. Felipe (2001) refere-se a elas, fornecendo excelentes

---

<sup>25</sup> Trata de um estudo de análise sobre o discurso da Coleção Mossoroense na produção de um espaço geográfico denominado de Mossoró, identificando a história da cidade com a história da família Rosado.

<sup>26</sup> Trata de um estudo sobre as estratégias e instrumentos utilizados pela família Rosado na consolidação e manutenção do poder político.

caminhos a perseguir, mas seu foco é a construção simbólica (ou cultural) do lugar pela Coleção Mossoroense, e não de um personagem em particular.

#### 4.2 A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NA IDENTIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DE MOSSORÓ COM A HISTÓRIA DA FAMÍLIA ROSADO

A transformação de Dix-sept Rosado em ícone familiar tem, na Coleção Mossoroense, um importante instrumento. A Coleção Mossoroense é um dos instrumentos mais valiosos erguidos pela família Rosado e organizados por Vingt-un para consolidar no imaginário, principalmente do mossoroense, sobre os feitos heróicos dos membros da família em geral. “[...] As armas dos Rosados se definem com o uso da palavra escrita (nos livros da Coleção Mossoroense, nos jornais ‘O Mossoroense’ e ‘Diário de Mossoró’) e falada [...]” (FELIPE, 2001, p. 100).

[...] Os Rosados selecionam os fatos históricos e determinados valores dos heróis (homens livres, a luta pela liberdade, igualdade, o pioneirismo e coragem e valentia na defesa do território), transmitem esses mesmos valores através das comemorações cívicas, das festas, dos jornais e livros [...] (FELIPE, 2001, p. 102)

Apesar disso, é somente em 1952, com a eleição de Vingt Rosado para a prefeitura de Mossoró, que a família toma maior consciência do seu poder simbólico.

[...] A eleição de Vingt Rosado para a prefeitura, em 1952, é a tentativa do grupo de recomeçar o projeto, de retornar a mesma trilha de Dix-sept, mas é, também, o momento de uma maior consciência de poder simbólico com o qual o grupo já vinha trabalhando [...] (FELIPE, 2001, p.112)

A história narrada nas páginas das publicações da Coleção Mossoroense não é inventada, mas são incorporados à narrativa pressupostos e problemas que não existiam nos movimentos originais (FELIPE, 2001, p.123). A narrativa segue interesses ideológicos contemporâneos. “[...] Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista ideológico [...]” (BAKHTIN, 1999, p.32).

De acordo com Felipe (2001, p.123),

[...] A história narrada nas páginas das publicações da Coleção Mossoroense, não são inventadas, basearam-se nas imagens, textos, movimentos, arquivos, rastros e rugosidades deixadas por todas as gerações que passaram. Porém, essa história é esculpida por novos historiadores, que criam uma nova trama, que incorporam ao novo texto outros pressupostos e problemas que não existiam nos movimentos originais [...]

Para Felipe (2001), a Coleção Mossoroense forma uma cultura particular para a cidade de Mossoró. Qual seria essa cultura ou valores? Qual o seu mecanismo de estabelecimento ou reprodução? Elas são forjadas ou realmente características individuais do personagem? Algumas perguntas ultrapassam os limites impostos pelo objetivo desse trabalho.

Mossoró seria a cidade da liberdade (pioneira na abolição dos escravos), a da resistência (sua devoção à liberdade a faz resistir, não se dobra e rechaça a invasão da cidade pelo bando de Lampião) e do pioneirismo (primeiro voto feminino). A Coleção Mossoroense não constrói simbolicamente apenas esta imagem de Mossoró, mas também o faz quanto aos seus personagens.

Mossoró é construída simbolicamente como a capital da Região Oeste. O poder político da família Rosado estende-se, inclusive, por toda esta área. A dominação política da cidade de Mossoró permite a influência política no que é designado como a Região Oeste. Isso é muito bem demonstrado por Felipe (2001) quando analisa os resultados eleitorais da Região na época de Dix-sept Rosado e pouco tempo posterior. Qual seria a geopolítica e quais as estratégias espaciais de mando?

A definição da Região Oeste, segundo características físicas, não vai abarcar toda a complexa realidade histórico-simbólica construída em cada cidade integrante da Região. Como também, a definição tradicional do Estado não vai abarcar a influência do poder político dos Rosado adquirido a partir do controle do poder político em Mossoró.

Apesar de Mossoró possuir algumas características em comum com as cidades vizinhas, a Região Oeste, na verdade, é um conglomerado de cidades culturalmente bem distintas, com características culturais particulares bem marcantes. Mas, mesmo assim, tenta-se definir a identidade da região pela sua identificação com a história de Mossoró, a qual, praticamente, é a região. Isso pode refletir o poder político dos Rosados sobre as cidades definidas por essa ela.

Os personagens individuais contribuem também para a representação coletiva de uma identidade local em comum, como bem define Felipe (2001) ao chamar a atenção para as “pessoas que fazem do seu lugar uma referência de vida e que se tornam elas mesmas, símbolos do lugar”.

Neste sentido, impõe-se a questão sobre quais os valores culturais e ideais atribuídos à imagem de Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense identificados com a construção simbólica do lugar ou com o mossoroense. O que seria ou quais as características de ser mossoroense identificada com a imagem de Dix-sept Rosado ou vice-versa?

Como já foi mencionado, esta publicação também constrói simbolicamente seus personagens. A história da família Rosado é identificada com a história da cidade de Mossoró. Dix-sept Rosado, por exemplo, tem as suas características empresariais transportadas para a política: seria o governante do empreendedorismo, da modernidade, do progresso e do sacrifício.

Sua morte trágica, em um acidente de avião, é transformada pela Coleção Mossoroense – de acordo com Felipe (2001) – no sacrifício pela devoção ao trabalho voltado para o povo, principalmente o mossoroense. Foram essas características que o teriam conduzido ao sucesso político, alcançando o posto de governador do Estado. A cidade de Governador Dix-sept Rosado tem como objetivo imortalizar esse feito.

#### 4.3 A COLEÇÃO MOSSOROENSE NA CONSTRUÇÃO DA INTEGRAÇÃO SOCIAL

Na construção de uma história da cidade de Mossoró identificada com a história da família Rosado, a Coleção Mossoroense não cumpre apenas um papel político, mas também cultural. Não se pode pensá-la apenas como instrumento político de manutenção e perpetuação do poder político da família Rosado. Tampouco se deve acentuar apenas seu papel cultural de espaço de publicação para os intelectuais. Ela cumpre um papel cultural de integração, coesão social em Mossoró. Mesmo existindo a sua função política, também é importante na construção da coesão social da população de Mossoró. Ao construir uma identidade



dos membros da sociedade de Mossoró com a cidade, seja essa identidade qual for, ela cumpre um papel importante na coesão social.

Intelectuais e pesquisadores podem discordar, questionar ou querer construir uma outra identidade social, uma identidade social da população de Mossoró com a cidade diferente da que se tenta estabelecer pela Coleção Mossoroense, mas não se pode negar a integração social que se constrói nos membros da cidade com o seu o lugar, com o espaço de sua cidade.

Bourdieu (2000, p.10) refere-se a isso quando escreve que a função social dos símbolos seriam, principalmente, instrumentos da “integração social”: “[...] enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social [...]”.

[...] A tradição marxista privilegia as *funções políticas* dos ‘sistemas simbólicos’ em detrimento da sua estrutura lógica e da sua função gnoseológica [...] explica as produções simbólicas relacionando-as com os interesses da classe dominante. As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação a cultura dominante [...] (BOURDIEU, 2000, p.11).

Não se está aqui negando essa função política. Mas é preciso compreender também que este conjunto de livros cria uma forma da população da cidade de se ver, uma identificação social, uma identificação dos membros da cidade com o lugar ou o espaço em que vivem. Uma forma de ver a cidade e de se ver. Os sistemas simbólicos são instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo (BOURDIEU, 2000).

Hobsbawm e Ranger (1997), por exemplo, escreve que a tradição inventada não é apenas legitimadora de um grupo ou poder dominante, mas também tem uma

importância social ao tornar mais cimentados os laços entre os indivíduos de um lugar. E ao tornar-se motivo da coesão social (grupal, nas palavras de Hobsbawm e Ranger), muitas vezes, torna-se o próprio símbolo do conflito.

Bakhtin (1999) parece concordar com essa idéia de Hobsbawm e Ranger (1997) de conflito do sentido do símbolo ao afirmar que a língua serve, ao mesmo tempo, como instrumento e de material das lutas sociais: “[...] A palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios [...]” (BAKHTIN, 1999, p.14).

Mas nem por isso, o reconhecimento do conflito pelo sentido do símbolo, não significa reconhecer um conflito entre a falsa consciência, a máscara, versus a consciência verdadeira, a realidade. Mas entre duas visões da realidade que mantém alguma coerência, ambas, com o mundo em que se vive. Algo semelhante ao que escreve Bourdieu (2000, p.14) sobre o discurso ideológico: o discurso ideológico afirma uma ordem social como natural através de “sistemas de classificação e de estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas sociais [...]”.

Para Hobsbawm e Ranger (1997) a sociedade é formada por seus “constituintes subjetivos”. Estes seriam a subjetividade de uma população, o que, de acordo com ele, está “associada a símbolos adequados”. Portanto, existe uma coerência entre ela e os seus símbolos. A subjetividade do povo de um lugar associa símbolos, representações sobre o lugar em que vive ou sobre o modo de vida social em que convivem, adequadas, coerentes com seus modos de vida também sociais.

E prossegue afirmando como natural que os movimentos ideológicos e de grupos tornem-se necessárias à invenção de uma continuidade histórica (HOBBSAWM E RANGER, 1997, p.15), de uma tradição. Os movimentos ou grupos ideológicos constroem seus próprios símbolos ou sistemas simbólicos. Inclusive, os movimentos ou grupos ideológicos que se propõem à ruptura com a tradição formam outras tradições, e mesmo os movimentos ou grupos ideológicos tradicionalistas estão em um processo de constante mudança, atualização, adaptação.

[...] As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses [...] (p.11). Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica [...] e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima [...], quer dizer, do poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de

conhecimento e de expressão [...] da realidade social. O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes [...] (BOURDIEU, 2000, p.12).

Não basta notar que relações de poder simbólico dependem ou estão inseparáveis, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes ou pelas instituições envolvidas nessas relações. E que

[...] os 'sistemas simbólicos' cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força as relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, [...] para a 'domesticação dos dominados' [...]" (BOURDIEU, 2000, p.11).

É preciso compreender os sistemas simbólicos como formas de ver o mundo, coerentes de algum modo com a realidade social de que se trata ou da qual vivem as pessoas.

A Coleção Mossoroense, através de Vingt-un Rosado e toda a sua família, conseguiu estabelecer uma forma da população mossoroense de se ver e de se identificar com a cidade porque associou e foi, ao mesmo tempo, um movimento social (festas cívicas, por exemplo), político (a dominação da família) e cultural (os livros e as peças teatrais sobre a cidade). Para estabelecer uma outra identidade social, um outro "constituente subjetivo" é preciso estabelecer um movimento social, político e cultural com a envergadura da Coleção Mossoroense.

## 5 DIX-SEPT ROSADO, O HERÓI IMOLADO

Neste capítulo, analisar-se-á a imagem construída pela Coleção Mossoroense de Dix-sept Rosado: os valores, os ideais e a sua história.

### 5.1 A COLEÇÃO MOSSOROENSE E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE DIX-SEPT ROSADO

Quando se refere à imagem de Dix-sept Rosado construída pela Coleção Mossoroense, é bom ressaltar que esta imagem, na verdade, foi construída muito depois de sua morte, e seu responsável foi Vingt-un Rosado, que ficou na direção da Coleção até 2006, ano de seu falecimento.

Vingt-un Rosado reuniu intelectuais, historiadores ou não, para construir uma imagem de Dix-sept na Coleção Mossoroense. Seria uma imagem correspondente ao homem real ou seria a construção de um mito?

É importante ressaltar que o poder simbólico, de acordo com Bourdieu (2000), é um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

Neste sentido, o que Vingt-un Rosado fez através da Coleção Mossoroense foi construir uma imagem tida como verdadeira, um feito compartilhado por outras pessoas. É o que Bourdieu (2000) vai chamar – fazendo referência a Durkheim – de conformismo lógico, que significa o estabelecimento de um sentido do mundo e, em particular, do mundo social – aqui, uma imagem de uma personagem – com que outras pessoas concordam. O conformismo lógico pode-se inferir da definição de Bourdieu (2000), podendo ser sem conhecimento de causa, simplesmente pela aceitação do que outros dizem ou repetem.

[...] O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe [...] o *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências [...] itálicos do original (BOURDIEU, 2000, p.09).

Além disso, pode-se depreender ainda da definição de Bourdieu (2000) sobre o poder simbólico acima transcrito, é que a criação dessa imagem de Dix-sept Rosado por Vingt-un Rosado através da Coleção Mossoroense pode ser também alheia aos próprios autores. Ou seja, através das publicações da Coleção Mossoroense sobre Dix-sept Rosado, Vingt-un Rosado, mesmo que não propositadamente, mas por meio do exercício de publicar na Coleção uma história ou um perfil sobre Dix-sept Rosado, culminou em um discurso, em uma imagem de Dix-sept Rosado por essa publicação.

Que imagem seria essa?

O universo simbólico é bastante amplo e variado. Conforme Bourdieu (2000), compreende o universo do mito, da língua, da arte e da ciência. O acervo sobre Dix-sept Rosado é imenso. Compreende imagens em *banners* dos principais momentos de sua vida, vídeo, revista em quadrinhos e uma peça teatral.

Para discutir esta imagem, circunscreve-se ao estudo das obras desta coleção escritas por Dix-sept Rosado e dos autores dela, que tiveram Dix-sept Rosado como tema. Isto significa que a pesquisa analisou uma parte do universo simbólico da língua, no caso específico, a linguagem escrita da Coleção Mossoroense.

### 5.1.1 As qualidades do empresário transportadas para o político

Uma das características mais realçadas pela Coleção Mossoroense de Dix-sept Rosado é o do empreendedorismo. Tenta-se transportar as qualidades empreendedoras no ramo empresarial de Dix-sept Rosado para demonstrar que seu governo seria (no Estado) ou foi (no município) também empreendedor.

Silva (1981, p.12), por exemplo, trata desta questão da seguinte forma:

[...] Emergiu pela capacidade do trabalho que imprimiu a um complexo industrial. [...] Numa atividade que não tinha trégua, continuando a sombra deste exemplo, e dotado de forte espírito de iniciativa pessoal, Dix-sept Rosado conseguiu dinamizar a empresa dando-lhe crescente ritmo de produção e multiplicando os seus negócios, graças ao seu entusiasmo comunicativo, com raízes de hereditariedade orgânica [Jerônimo Ribeiro Rosado].

O autor, então, exalta os valores empresariais deste político, que, por essa demonstração de grande capacidade ao administrar as empresas da família Rosado de modo a reproduzir sua riqueza, passariam para a administração política municipal.

À frente das empresas, ele teria demonstrado ter iniciativa, ser dinâmico, empreendedor ao diversificar os ramos explorados pelas empresas da família, enfim, um trabalhador incansável ao erguer esta fortuna. A idéia que Silva (1981) quer passar é que essa qualidade de bom administrador, seu empreendedorismo o qualificaria para o cargo da administração política municipal.

Essa é a mesma imagem traçada por Galvão no discurso pronunciado no sepultamento de Dix-sept Rosado, transcrito do Jornal “O Mossoroense” de 22 de julho de 1951 por Nascimento (2001, p.05): “[...] Se o meu partido perdeu o chefe insubstituível pelas suas positivas qualidades de liderança, nosso Estado perdeu o administrador necessário e indispensável, pela sua comprovada capacidade realizadora [...]”. A comprovada capacidade realizadora só pode referir-se ao seu empreendedorismo empresarial.

Nascimento (2002b, p.06) também reforça essa visão ao referir-se a Dix-sept Rosado como “um homem de trabalho, industrial de aguda percepção, de contagiante otimismo, realizador e de grande popularidade, o que o tornava a esperança de um governo admirável”. E Soares (2001, p.05) dá continuidade a essa imagem ao referir-se ao dinamismo de Dix-sept Rosado, afirmando-o como “realmente um realizador incansável”.

Observe que o notável sucesso empresarial de Dix-sept Rosado e a sua popularidade é que fornecem a esperança a Nascimento (2002b), não a realidade, o fato consumado, incontestável, mas apenas a esperança de um governo admirável. São as qualidades anteriores que fornecem a esperança das ações futuras.

Dix-Sept Rosado é o homem da família que administra as empresas herdadas do pai. E o sucesso das minas de gipsita vai ser a base principal de toda a riqueza dos Rosados (FELIPE, 2006).

A administração dele mantém e reproduz o capital da família, inclusive, diversificando os ramos de atuação (sal e retífica de motores), o que poderia demonstrar alguma qualidade administrativa e/ou dinamismo empresarial. Inclusive, Soares (2001) faz alusão ao fato de que a Mossoró Comercial, empresa dirigida e de

propriedade de Dix-sept Rosado, era um conglomerado impressionante para a época.

Este sucesso empresarial e a diversificação dos ramos de sua atuação empresarial parecem fazer justiça às qualidades atribuídas pelos escritores da Coleção Mossoroense ao tratar dele como um grande administrador, dinâmico, empreendedor, realizador e perspicaz, um homem atento e sensível às melhores oportunidades empresariais. Enfim, um “industrial de aguda percepção”. Mas a ênfase com que se destaca o empreendedorismo deste homem assemelha-se a uma construção mítica ao enaltecer de forma tão demasiada as características que sugerem a imagem de um empreendedor infalível.

Tanto no setor econômico, no qual, geralmente, os empresários conseguem sucesso nos ramos em que empreendem seus negócios depois de várias tentativas de insucesso, é difícil acreditar que Dix-sept Rosado tenha obtido sucesso nos ramos em que empreendeu sem experiências anteriores de êxitos e fracassos. Quanto à parte da administração pública municipal, onde o seu tempo foi curto e ele era inexperiente, é difícil acreditar também em um empreendedorismo imaculado.

Além disso, mesmo considerando suas qualidades de ser dinâmico, ter espírito de iniciativa e de ser empreendedor, não necessariamente essas características precisam ser transpostas para a administração política municipal ou estadual. Afinal, a administração empresarial é de ordem diferente da administração política pública, seja no campo municipal, seja no campo estadual.

Ao contrário, pensa Silva (1981, p.12), pois ele escreve que as qualidades referidas acima fariam com que Dix-Sept Rosado “a frente do executivo mossoroense”, tivesse uma ação “renovadora progressista”. Um homem voltado para a mudança e progresso.

Na análise do discurso da linguagem escrita, a modalidade com que se enuncia é muito importante. A base da língua é a enunciação. Bakhtin (1999)<sup>27</sup> mostra que a entonação com que se enuncia algo afeta a sua significação. A Coleção Mossoroense enuncia com uma entonação bastante expressiva essa característica de Dix-sept Rosado como empreendedor. De modo que, relacionando com sua posição social de prefeito da cidade na época, a imagem que se tem é de um político empreendedor infalível.

---

<sup>27</sup> Ver página 34, 2ª citação deste trabalho.

Mas não é somente a entonação da enunciação que constrói essa imagem de um político empreendedor, realizador, dinâmico, etc. A posição social dos principais autores destes livros que o tiveram como tema também é importante.

Silva (1981), na verdade, Raimundo Nonato da Silva, é um dos historiadores de maior publicação nesta coleção. Escreveu sobre a História de Mossoró, a investida de Lampião e sobre vários personagens da história desta cidade, como, inclusive, Dix-sept Rosado. De modo que podemos afirmar ser o historiador mais importante na Coleção Mossoroense, ganhando respaldo para além de suas fronteiras.

Enquanto historiador, seu discurso passa a ser de uma autoridade respeitada como estatuto de ciência, de verídico pelos outros, sejam leigos ou até mesmo por outros historiadores ou especialistas de outras áreas das ciências.

Essa posição social de Silva (1981) é importante, segundo Bourdieu (2000), para o reconhecimento do que se é dito passar a ser crença. Hobsbawm e Ranger (1997) parecem chamar a atenção também para este fato ao afirmar que a tradição inventada utiliza a história para se legitimar, forjando uma coesão grupal.

[...] O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; [...] só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos 'sistemas simbólicos' [...] mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras [...] é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras [...] itálicos do original (BOURDIEU, 2000, p.15).

O que é enunciado na Coleção Mossoroense por Silva (1981) transforma-se na visão do mundo social, torna-se verídico e legítimo, porque ele é reconhecido pelas outras pessoas como uma autoridade legítima em história, portanto, as pessoas crêem em suas palavras. Evidentemente, como afirma Bourdieu (2000), essa autoridade concretiza-se não pela própria ontologia do sistema simbólico, ou seja essa autoridade não advém do próprio sistema simbólico, e sim pela relação social existente entre os que exercem o poder simbólico e os que lhe estão sujeitos.

Relação social, pode-se acrescentar, não oriunda apenas da posição social de Raimundo Nonato como um historiador reconhecido pela categoria de



pesquisadores, mas também uma relação social estabelecida pela própria Coleção Mossoroense, reconhecida também enquanto uma instituição de publicação de linha editorial séria.

A Coleção Mossoroense produz um discurso de história institucional como o definido por Ferro (1989)<sup>28</sup>, estabelecendo a base social de uma ideologia, mas também a determinando e tornando-a possível, legitimando a proeminência da família Rosado no cenário político da cidade de Mossoró.

### 5.1.2 Dix-sept Rosado inovador e progressista

Outro aspecto abordado pela Coleção Mossoroense como qualidade de Dix-sept Rosado e encontrado em Silva (1981) é a sua característica de inovador, um homem voltado para o progresso.

Este progresso estaria relacionado à modernidade, e disso adviria o espírito pioneiro e renovador das obras de Dix-sept Rosado. No poder executivo municipal, as iniciativas de Dix-sept Rosado seriam inovadoras ao modernizar a cidade de Mossoró. Essas iniciativas seriam suficientes para caracterizá-lo como um político progressista.

Dix-sept Rosado seria um homem político de caráter ousado e dinâmico, muito coerente com o espírito jovem. Em comparação com as lideranças oligárquicas dominantes de sua época, era um político da geração jovem.

Vingt-un Rosado reforça essa linha de raciocínio de Silva (1981) ao afirmar que

[...] no período curto em que dirigiu Mossoró, transformou a cidade e o município. Raro teria sido o setor que não recebeu a salutar influência do seu extraordinário dinamismo. [...] A fecunda administração aqui realizada, cedo ecoou em todo Rio Grande do Norte [...] (ROSADO, 1978b, p.58)<sup>29</sup>

São várias as obras da Coleção Mossoroense que destacam essas mesmas qualidades. Não se pode esquecer, em se tratando da natureza simbólica, a importância da repetição na inculcação de valores e normas de comportamento para a invenção da tradição, como foi visto em capítulo anterior.

<sup>28</sup> Ver p.52 deste trabalho.

<sup>29</sup> Em outro folheto da Coleção Mossoroense, ROSADO (2001, p.03) diz: “[...] administrador exemplar, Prefeito e Governador notáveis [...]”.

Conforme Hobsbawm e Ranger (1997), a repetição também pode significar uma tentativa em estruturar, de maneira invariável, alguns aspectos da vida social, estabelecendo, com a prática presente, uma continuidade na referência a um passado histórico existente.

Esta publicação exalta essas qualidades administrativas quando, na história passada de Mossoró, estava na direção do poder público municipal. Os políticos da família Rosado, que estão, no presente, na direção dos cargos executivos, ao fazerem uma referência com esse passado, tentam se estabelecer como uma continuidade dessas qualidades, inventando, assim, uma tradição.

A administração municipal de Dix-sept Rosado foi de um período muito curto, entre 1948 a 1950. Em dois anos, não fez uma administração excepcional, marcante, fora do comum (FELIPE, 2006). Perfilado entre os políticos populistas, suas ações apenas estiveram condizentes com sua visão de mundo (ideologia).

[...] A gestão do Prefeito Dix-sept Rosado foi toda voltada para a cidade, quando e onde foram executadas inúmeras obras, dentre as quais a restauração de barragens no rio Mossoró, instalação de um Horto Florestal, Posto de inseminação artificial e perfuração de poços tubulares, construção de prédios escolares, restauração da Banda de Música Municipal, calçamento a paralelepípedos de várias ruas e praças da cidade, ativação do serviço de limpeza pública, serviço energético da cidade, luz pública na vila de S. Sebastião (hoje Governador Dix-sept Rosado) e em Baraúna. O Prefeito Dix-sept Rosado renunciou a 6 de junho de 1950 por ter sido eleito Governador do Estado [...] (ESCÓSSIA, 1983, p.79)

As ações de Dix-sept Rosado à frente do poder executivo municipal não são de exclusividade dele. Faziam parte de uma concepção comum aos políticos populistas. Na época em questão, a sociedade brasileira era dividida pelos intelectuais de esquerda, entre a burguesia entreguista e a burguesia progressista. Esta última estaria comprometida, segundo essa visão, em realizar algumas reformas favoráveis ao povo trabalhador e na infra-estrutura das cidades brasileiras, visando ao desenvolvimento industrial. Dix-sept Rosado era considerado integrante da fração da classe dominante progressista.

As obras e iniciativas de calçar ruas e estabelecer os serviços públicos básicos, como os de limpeza e luzes nas cidades, evidentemente que foram importantes iniciativas dele.

Nascimento (2002b) chama a atenção para o calçamento moderno de Dix-sept Rosado, utilizando o paralelepípedo em substituição da pedra marroada. Já

Soares (2001, p.05) lembra a chegada da companhia de energia elétrica da região, COMEMSA, para a iluminação pública, “gerando uma energia tão bruxuleante que os postes da iluminação pública pareciam lampiões. A chegada de novos geradores seria uma festa e a cidade teria nova cara e novos horizontes, a partir de então”.

Mas essas ações e iniciativas não foram exclusividades suas e estão inseridas dentro de um contexto histórico de práticas comuns de determinados políticos brasileiros contemporâneos a ele, perfilados em uma visão ideológica comum. Bastante importantes, mas não são exclusividade, não são uma singularidade de Dix-sept Rosado. Isto não é suficiente para caracterizá-lo.

É preciso entender as ações ou iniciativas deste homem dentro do contexto histórico em que viveu, a posição social em que ocupava e a sua ideologia.

Ele viveu em um contexto histórico brasileiro de grande predominância das idéias populistas. A sua posição social de empresário bem sucedido o afastava completamente das idéias comunistas tão polemizadoras do atraso do desenvolvimento do Brasil da época. Porém, a sua educação familiar fornecida pelo seu pai, de cuja carreira política desprendia-se uma responsabilidade, um dever, uma obrigação com o lugar, um sentimento de retorno ao povo de seu lugar, pode tê-lo influenciado para as idéias populistas de compromisso com determinadas reformas sociais e de infra-estrutura da cidade. Essa é a singularidade de Dix-sept Rosado.

### 5.1.3 O político honesto

A honestidade era outra qualidade exaltada pela Coleção Mossoroense. Tanto Silva (1981) quanto Nascimento (2001) destacam essa característica.

[...] Homem probo, cheio de generosidade e de boa fé, sempre orientado pela sabedoria e pelo senso público, que definem o bom administrador. Agia com desassombro e lucidez, sempre preocupado com o cumprimento da lei e com a manifestação dos seus propósitos de acertar [...] (SILVA, 1982, p.14)

Honestidade, generosidade e bondade com o povo, cumpridor da lei, lúcido e sábio. Dix-Sept Rosado é exaltado como um bom administrador e possuidor de

vontade para fazer o bem para o povo. Serejo (2001) refere-se aos que escrevem sobre Dix-sept Rosado como um homem que possui os traços fisionômicos da bondade humana.

Enfatiza-se aqui, então, essa característica da honestidade de Dix-sept Rosado. Um homem de boa fé, que quer acertar, generoso e sábio. Nascimento (2001) reforça essa imagem de Dix-sept Rosado como um homem probo, ao escrever sobre o “nobre teor moral” da vida de Dix-sept Rosado.

No seu período curto de administração pública, não se tem notícia de nenhuma acusação de corrupção ou, sequer, alguma dúvida sobre a lisura de seus atos administrativos.

#### **5.1.4 Liderança, carisma e popularidade: o condutor de multidões**

Também se realça sua capacidade de liderança. A esta qualidade se junta a do carisma:

[...] A eleição de Dix-sept Rosado não dependeu, unicamente, do esforço conjugado dos diversos partidos que integravam a ALIANÇA DEMOCRÁTICA. Decorreu, principalmente, da excepcional receptividade conquistada pelo seu nome no seio do povo e de umas tantas condições ambientes em virtude das quais a sua candidatura se tornou, do primeiro impulso, um depositário fiel das esperanças gerais [...](SILVA, 1981, p.13) grifo do autor.

Um líder carismático e popular, “depositário fiel das esperanças” do povo. Esse carisma pessoal lhe possibilitava ser um “condutor de multidões”, ou seja, desaguava em uma liderança de massas. Galvão (1982) também destaca as características de carisma e liderança de Dix-sept Rosado como também Nascimento (2001). ROSADO (2001, p.03) diz sobre ele: “[...] Haveria de ser líder carismático [...]”.

Soares (2001) menciona a liderança de Dix-sept Rosado nos negócios e na família, relacionando a característica de liderança à de condutor.

[...] A liderança que emanava de sua personalidade era tácita, e prontamente aceita e respeitada. Com a morte do patriarca Jerônimo Rosado, foi Dix-sept que assumiu a frente dos negócios, como ainda fazendo às vezes do pai rigoroso e cioso das

responsabilidades de uma grande família, em ambas mostrando, desde cedo, suas notórias qualidades de condutor [...] (SOARES, 2001, p.03)

As qualidades de liderança e condutor político aqui são traçadas como originárias de Dix-sept Rosado desde a família. Enquanto chefe da família, ele já teria demonstrado as qualidades de liderança e condutor. É possível encontrar na Coleção Mossoroense referência às suas qualidades como existentes desde a infância.

O Diário de Natal (2001, p.03) também reforça essa imagem da Coleção Mossoroense sobre Dix-sept Rosado como um líder carismático e popular, condutor de multidões. Publicando uma Coleção especial sobre “as grandes personalidades da história do Rio Grande do Norte”, coleção intitulada “Projeto Gente Potiguar”, o Diário de Natal (2001, p.07) refere-se a ele como “político extremamente popular, tem a vida permeada por episódios em que, a par da sua reconhecida capacidade como administrador, destaca-se como figura carismática”.

É comum a Coleção Mossoroense referir-se ao poder oratório de Dix-sept Rosado. Como ele não era um homem voltado para os estudos, com muito esforço, terminou os estudos básicos, portanto, não era um acadêmico ou literato, isso apenas reforçava para a Coleção Mossoroense a grande capacidade de Dix-sept Rosado.

Ele era conhecedor, admirador e leitor assíduo das falas e relatórios dos presidentes de província do Rio Grande do Norte. Inclusive, foi ele quem organizou e reuniu um folheto publicado pela Coleção Mossoroense sobre as falas e relatórios dos presidentes da província. Lia os longos discursos da Câmara e do Senado, publicados pelos jornais, em voz alta nas barracas da Espadilha ou do Carocinho, no mercado público (ROSADO, 2001). Então, seria extremamente possível Dix-sept Rosado desenvolver uma capacidade oratória apreciável aos interlocutores de sua época.

Rosado (1978a, p.58) escreve da seguinte forma sobre o acontecimento da eleição de Dix-sept Rosado: “[...] A vitória alcançada em 3 de outubro de 1950, em proporções inéditas na história da província, era o extraordinário voto de confiança em quem se tornara a ‘esperança do povo potiguar’ [...]”.

As frases “depositário fiel das esperanças” do povo, Dix-sept, a esperança do povo potiguar”, o “condutor de multidões” podem não significar nada para os leitores

atuais. Mas o sentido das palavras não é fixo, depende de deslocamentos sócio-histórico-ideológicos dos interlocutores. Ou seja, o sentido das palavras relaciona-se com os valores comungados pelos interlocutores. Elas não estão sendo utilizadas atualmente como discurso pelos políticos contemporâneos da família Rosado, mas estão presentes no discurso da Coleção Mossoroense como alternativa para a utilização.

Além disso, estas palavras poderiam ter alguma ressonância em interlocutores que viveram a época de Dix-sept Rosado. Elas poderiam significar uma semelhança com Getúlio Vargas, com seu carisma, com sua inserção popular. A diferença estaria em que, ao invés de uma inserção popular nacional, ele teria uma inserção popular local.

As palavras, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, não são secundárias. De acordo com Bakhtin (1999), a palavra veicula ideologia, tornando o sentido da palavra múltiplo. O discurso surge como efeito de sentido entre os interlocutores advindos de deslocamentos sócio-históricos-ideológicos. Os significados das palavras, então, são histórico-sociais. Ou seja, relacionam-se com os valores comungados pelos interlocutores em sua época e a ideologia predominante, podendo a “memória discursiva” adquirir mudanças ou simplesmente uma nova roupagem devido a mudanças de época, ideologia e/ou estrutura social.

Bourdieu (2000, p.14) também se refere aos deslocamentos de sentido dentro do sistema simbólico: “[...] Os sistemas simbólicos devem a sua força ao fato das relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação) [...]”.

Enfim, o sentido das palavras depende dos seus contextos histórico ou de sua enunciação. Determinadas palavras com referência a acontecimentos passados podem não ter a mesma força significativa no presente que teria nos interlocutores do passado. Como também é possível que determinadas palavras, com referência a acontecimentos passados, assumam novos sentidos ao serem utilizadas no presente com objetivos contemporâneos, mas aproveitando a “memória discursiva” existente para fazer uma correlação de continuidade com o passado.

Não se está aqui tentando diminuir o possível carisma que Dix-sept Rosado poderia ter na época. O que se está querendo afirmar é que o carisma não pode ser a única explicação para seu sucesso eleitoral. A análise dos processos eleitorais atuais, inclusive, aponta que diversos fatores que influenciam o voto, tornando-o de

complexa determinação. Não se pode, portanto, alegar um único fator como influente do voto. Dix-sept Rosado, possivelmente, era um político de grande carisma, mas não se pode afirmar isso como o único fator responsável por sua grande catalisação de votos.

### **5.1.5 A educação popular e o audacioso plano cultural de Dix-sept Rosado: a Batalha da Cultura**

Para a Coleção Mossoroense, Dix-sept Rosado era um homem preocupado com a educação popular. Neste sentido, de acordo com Galvão (1982, p.13), à frente do poder municipal de Mossoró, realizaria a “promoção de um vasto plano de cultura”.

Nascimento (2002b, p.06) também exalta os feitos dele “pela cultura oestana”, ressaltando a construção de 20 (vinte) escolas municipais “de uma só vez”.

Essa dedicação à cultura foi batizada com o título de a “Batalha da Cultura”.

“[...] ‘Batalha da Cultura’ foi como o escritor oestaduano Hélio Galvão batizou os esforços mossoroenses, do Governo Municipal e de alguns moços de boa vontade, pelo alevantamento (sic!) cultural da nossa gente; Os soldados que convocamos desde primeiro instante continuam na primeira linha e outros novos já vieram trazer a sua adesão magnífica a campanha que iniciamos apenas cinco dias depois de empossados, para que não vivesse em Mossoró, ‘o cego de espírito quando Santa Luzia, sua padroeira, é a santa das doces claridades visuais’, no conceito feliz de Luiz da Câmara Cascudo [...]” (MAIA, 1991, p.10)

Essa preocupação com a educação popular vai ser uma temática muito explorada em sua época, e Dix-Sept Rosado filia-se ao lado daqueles que buscavam a alfabetização popular. Seu intuito era fornecer acesso à cultura ao homem pobre. Nisto, estaria comprovando, mais uma vez, de acordo com Galvão (1982), sua dedicação às camadas populares.

Nos raros textos escritos por Dix-Sept Rosado Maia (1978), ele realmente refere-se à construção de uma Biblioteca para fornecer ao homem pobre o acesso ao livro. Seu objetivo, escreve, nesta ocasião, era de aprimorar a cultura do homem pobre trabalhador, o despertar para as letras e para as ciências, como também o

aperfeiçoamento do profissional pobre<sup>30</sup>: “[...] E ficaram na história local, paradoxos como este: um prefeito que não era culto, foi o maior incentivador das atividades culturais e educacionais [...]” (ROSADO, 1978a, p.58)<sup>31</sup>.

Em outro folheto escrito por Dix-sept Rosado Maia (1991, ele demonstra o sucesso da Biblioteca em promover o acesso e o gosto pela leitura. De primeiro de março de 1949 a 28 de fevereiro de 1950, Dix-sept Rosado afirma que foram lidas 14.721 obras. Com uma média mensal de 1.226 obras, superava a média passada de 990. O folheto referia-se às atividades culturais de seu segundo ano de mandato na prefeitura de Mossoró. O mesmo se passava com o Museu: com uma média de visitação de 71 pessoas, alcançou uma média de 149 pessoas mensais. Nele, Dix-sept Rosado comenta, também, que estudantes, domésticas, auxiliares do comércio, comerciantes e funcionários públicos eram os maiores leitores da Biblioteca.

Sobre a criação da Biblioteca Municipal, Vingt-un Rosado escreve da seguinte forma:

[...] O Decreto Executivo número 4 criou a Biblioteca Pública Municipal de Mossoró. Um Capitão da Indústria e do Comércio, um homem de luta, que não era culto, mas dono de uma bela inteligência e de uma marcante sensibilidade para todos os problemas, iniciava o maior programa cultural de uma administração municipal em Mossoró, em qualquer tempo [...] (ROSADO, 1978b, p.5)

Nota-se aqui, neste trecho de Rosado (1978), o caráter de invariabilidade referida por Hobsbawm e Ranger (1997) sobre as tradições inventadas. O programa cultural da administração municipal de Dix-sept Rosado, em Mossoró, seria o maior em qualquer tempo. Essa é uma visão flagrantemente não-histórica.

É uma constante nas obras da Coleção Mossoroense chamar a atenção para o fato de Dix-sept Rosado não ter formação acadêmica. Porém, não para diminuir sua importância, mas, ao contrário, realçar a sua inteligência, uma vez que, sem formação acadêmica ou literária, percebia os problemas do povo, era sensível às soluções dos problemas mais difíceis, de uma oratória invejável<sup>32</sup> a qualquer político e que alcançou, por todos esses qualificativos, a prefeitura de Mossoró e o governo do Estado em tão pouco tempo de carreira política.

<sup>30</sup> Neste mesmo artigo, Dix-Sept Rosado refere-se à construção do Museu Municipal com o objetivo, dentre outros, de cultivar a memória local.

<sup>31</sup> Em outra oportunidade Rosado (2001, p.03) escreve: “[...] Não era culto, mas inteligente e sensível [...]”.

<sup>32</sup> “[...] A palavra era-lhe fácil e espontânea e impressionava pela sinceridade [...]” (ROSADO, 1978a, p.60).



[...] A sua universidade [de Dix-sept Rosado] foi o trabalho incansável de todas as horas e de todos os momentos [...]. Menino e rapaz dotado de extrema vivacidade, pouco interessado nos estudos, não terão sido raras às vezes em que Jerônimo Rosado recebia denúncia de seu filho [...]. As soluções práticas dos problemas do homem e da terra sempre foram preocupação de Dix-sept, muito mais do que o seu estudo teórico. O seu currículo escolar não foi brilhante. Inteligência penetrante, sabendo ver com rapidez e decisão o âmago das questões nunca foi seu desejo adquirir cultura literária e científica. Concluíra o curso ginásial por insistência da família. A natureza de São Sebastião, a poeira e as águas ricas de cálcio, a insolação extraordinária, que ajudam a formar os fortes, o árduo trabalho das minas de gesso, deram a Dix-sept a saúde magnífica que ele possuía. Nessa armadura que parecia de ferro, abrigavam-se o coração generosíssimo e o cérebro invejável. (ROSADO, 1978b, p.59).

Nascimento (2001) também destaca as características físicas de Dix-sept Rosado como a de vivacidade e energia. Algo semelhante encontra-se em Serejo (2001) ao referir-se à fisionomia dele com “os traços da firmeza máscula” (p.06) e Soares (2001, p.03) sobre a sua “figura jovem e esportiva”. Dix-sept Rosado é descrito sempre como uma pessoa de porte físico invejável. Como ele foi esportista e vaqueiro das derrubadas de gado, é provável que tivesse um porte físico forte<sup>33</sup>.

Dix-sept Rosado seria esse homem, então, sem um diploma universitário, mas que, por isso mesmo, era mais voltado para as pessoas simples, para as atividades práticas, um homem para quem o trabalho duro – mãos calejadas? – não era estranho e, neste sentido, por toda essa situação, seria um homem sensível às soluções práticas dos problemas do povo do seu lugar.

E um desses problemas do povo humilde era o analfabetismo. A Biblioteca Pública Municipal viria para tentar sanar essa lacuna. Poucos anos separam a morte de Dix-sept Rosado das iniciativas mais relevantes de educação popular, como as da década de 60 do século passado, de Djalma Maranhão e Paulo Freire.

---

<sup>33</sup> Ver também sobre isso ROSADO( 2001, p.04).

### 5.1.6 Dix-sept Rosado e o populismo: crise das oligarquias políticas locais

Nas características apresentadas pela Coleção Mossoroense a Dix-sept Rosado, não se pode esquecer o contexto da época. De acordo com Mota (1994), no fim do Estado Novo, apresentam-se duas vertentes principais de pensamento: uma voltada para o ideal aristocrático de cultura do passado e outra, o pensamento radical de classe média. Nos anos 50, continua o autor, a institucionalização dos intelectuais provoca o engajamento no nacional-desenvolvimentismo impregnado de nacionalismo - é o reformismo populista.

Dix-sept Rosado vai ser facilmente identificado pela Coleção Mossoroense como progressista, moderno e reformador porque suas ações políticas circunscrevem ao lado das ações de lideranças reformistas do populismo.

Na década de 50, época de fundação da Coleção Mossoroense, Mota (1994) afirma que corresponde a um período de grande efervescência política no Brasil. E diz sobre as principais tendências do pensamento intelectual: a vertente do planejamento desenvolvimentista; a concepção culturalista; o nacionalismo embebido nas teorias dualistas de explicação da realidade nacional e acolhendo tanto as análises marxistas ortodoxas como as vinculadoras da idéia da burguesia progressista; a vertente erudita do trabalhismo getulista opondo-se à produção do Instituto Histórico.

Neste contexto, no Rio Grande do Norte, os agrupamentos políticos oligárquicos tradicionais sofriam uma crise, abrindo espaço para o surgimento de novas lideranças. A escolha de Dix-sept Rosado como candidato a governo do Estado do Rio Grande do Norte demonstra isso.

[...] Essas forças se desaguaram (sic!), fragmentaram-se e, na aflição do destino incerto, vieram a recompor-se em torno de um desses nomes que jamais seriam cogitados sem as persuasivas inspirações do perigo eminente. Foi assim que surgiu Dix-sept Rosado para Governador do Rio G do Norte. [...] Pelas suas qualidades morais respondia a sua origem, uma família da melhor tradição de austeridade no Estado. Não precisava de função pública. Ao contrário, para exercê-la preteria os seus próprios interesses de industrial. Aliás, como industrial é que Dix-sept Rosado construiria a sua reputação de homem eficiente e espírito adiantado. Mas tanto desenvolveu a sua indústria como se fez estimar pelos operários que a servem [...] ( GALVÃO, 1982, p. 55)

Galvão (1982) descreve os acontecimentos que vão anteceder a escolha de Dix-Sept Rosado como candidato a governador, e fica evidente a crise dos líderes políticos oligárquicos convencionais da época.

Vingt-un Rosado (1978b, p.57) referindo-se à opinião do Desembargador Manoel Maia, descreve:

[...] A Revolução de 30 tinha criado, em todos os Estados do Nordeste, uma equipe valorosa de jovens estadistas. A exceção única era o Rio Grande do Norte [...].

Somente em 1948, 18 anos depois, surgia no panorama administrativo do Rio Grande do Norte, o fenômeno que nos estados vizinhos, sob os auspícios do movimento vitorioso de trinta, já se tinha verificado de há muito: a formação de governantes, de condutores de massa, que traziam uma mensagem de esperança e fé nos destinos da terra comum.

Era o que nos confessava o Desembargador Manoel Maia, em 1951, ao analisar o significado da vida pública de Dix-sept, [...] julgando-o como a autêntica vocação de jovem estadista da geração mais moça da nossa terra [...]

O alinhamento de Dix-sept Rosado com as idéias populistas proporcionaria um pensamento modernizador, mesmo que ainda se possa dizer sob o ponto de vista dominante, que procurava uma renovação para ajustamento aos novos tempos.

Os políticos populistas tinham a preocupação de buscar uma identidade local (regionalismo) de forma que se integrasse à nação.

Silva (2006) afirma que o discurso de Dix-sept Rosado é compatível com o discurso de Getúlio Vargas<sup>34</sup>.

### 5.1.7 A saga do sacrifício: Dix-sept Rosado, o herói imolado

Uma outra temática preferida pela Coleção Mossoroense sobre Dix-sept Rosado é o que se pode chamar de a “Saga do Sacrifício”, estendida,

<sup>34</sup> Pode-se conceber alguma proximidade de Dix-sept Rosado com as posturas dos políticos populistas da época na passagem seguinte que escreve Vingt-un Rosado: “[...] Em 18 anos de convivência com o operariado, com a gente humilde da Vila de São Sebastião plasmara uma política diferente de harmonia entre o capital e o trabalho. Era o chefe admirado, respeitado e querido, que convivia fraternalmente com seus trabalhadores, nas barracas, na vida social, em suas horas de tristeza ou de alegria. Simplicidade, energia, extrema franqueza no trato com os demais, generosidade extrema, a paixão pelas coisas da vida rural [...] foram a semente natural e espontânea que fundamentaram o seu admirável prestígio popular. E tudo Dix-sept fazia com naturalidade. Nele não havia o gesto estudado, preconcebido [...]” (ROSADO, 1978a, p.57)

posteriormente, a todos os membros da família dos Rosado que enveredam pela carreira política.

Em relação a Dix-Sept Rosado, o acidente de avião é tido como um sacrifício do político em prol do seu povo e de melhorias para a sua cidade<sup>35</sup>. É dessa maneira que escreve para a Coleção Mossoroense Escóssia (1983) e Nascimento (2001 e 2002b).

[...] O motivo da viagem que estava realizando era o de conseguir um empréstimo de 30 milhões de cruzeiros, que serviriam para reforçar os serviços de água em Natal, que na época era muito precário, como também abastecer as cidades de Mossoró e Caicó [...] (NASCIMENTO, p.06, 2002b)

Mas na verdade, Galvão (1982) demonstra em seu livro sobre Dix-sept Rosado que, ao menos, a este objetivo juntava-se outro talvez menos coletivo.

Galvão (1982) mostra que outro objetivo da viagem do governador era justamente tentar apaziguar as “feridas” abertas durante sua escolha como candidato e eleição a governador das forças políticas influentes no Estado. A crise instalada com as divergências entre as forças políticas dominantes na época poderia afetar no governo do Rio Grande do Norte liderado por Dix-Sept.

[...] Não somente a seca estava na agenda do Governador. [...] Já não tinham explicação as divisões do Estado em agrupamentos agressivos. Passada a fase eleitoral, tentava recompor a unidade política, para o esforço conjunto em prol de um bem mais alto, que a insuficiência dos recursos opusesse a força da união [...] (GALVÃO, p. 54, 1982).

Apesar de Galvão (1982) conhecer o objetivo de Dix-sept Rosado na viagem para o Rio de Janeiro ser também o de tentar recompor a unidade política do grupo que o elegeu, Nascimento (2001, p.04), ao transcrever o discurso de Galvão publicado pelo Jornal “O Mossoroense” de 22 de julho de 1951, pronunciado no sepultamento de Dix-sept Rosado, nota-se o quanto é visível o realce dado por Galvão ao sacrifício pelo povo: “Dix-sept Rosado morreu a serviço do povo”. E, na mesma página, referindo-se ao trabalho de Dix-sept Rosado na administração pública do Estado, afirma: “[...] o grande trabalho que veio culminar no sacrifício da própria vida [...]”.

<sup>35</sup> Escóssia (1983, p.130) escreve assim: “[...] Dix-sept Rosado viajava ao Rio a fim de ultimar papéis de empréstimo que em nome do Estado seria feito com o Banco do Brasil, destinado ao serviço de esgotos de Mossoró e Natal, e ampliação do serviço de água para Mossoró e Caicó [...]”.

Portanto, Galvão, que é o principal biógrafo de Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense, mesmo conhecendo o outro objetivo dele na viagem ao encontro do Governo Federal, realça a morte acidental como um sacrifício em prol do povo, fortalecendo, assim, a “Saga do Sacrifício”, a qual chega próximo a assemelhar a morte de Dix-Sept com a morte do maior símbolo do cristianismo, Jesus Cristo. Não faz uma correlação direta, mas é possível observar aspectos de proximidade.

[...] Conta-me certa vez, o deputado Vingt Rosado, seu irmão e sucessor político que, depois daqueles dias tormentosos, retornando a Mossoró, em companhia de amigos, demoraram por momentos na cidade de Santa Cruz, enquanto o motorista abastecia o carro. E no meio do silêncio que compungia o grupo solidariamente, foram despertados como se fossem tocados por um choque, pela voz de uma menina que passava pela rua, cantando, alegremente, em tom de festa: DIX-SEPT ROSADO ESPERANÇA DO POVO POTIGUAR! Era a consagração anônima do sofrimento, num mundo atormentado pela dor, banhado pelas lágrimas do desespero na hora em que a voz da inocência repetia o hino da vitória daquele extraordinário condutor de multidões [...] grifos do original (GALVÃO, 1982, p.15)

A esperança do povo, o líder “condutor de multidões”. É evidente aqui que a canção entoada pela menina é interpretada pelos ouvintes de acordo com seus pressupostos simbólicos, pela posição social em que ocupam nas relações sociais.

É possível também, nesta passagem, correlacionar esse relato com a ressurreição de Cristo aos apóstolos. Os responsáveis pela continuação da obra política de Dix-sept Rosado, tristes pela sua morte, estão desamparados, desanimados, “compungidos”. Mas eis que, de repente, a inocência desperta-os do transe desanimador e os faz rememorar a necessidade, a obrigação ou ainda o dever que aqueles homens tinham em continuar o trabalho, a obra de Dix-sept Rosado.

A criança, inclusive, no sistema simbólico, pode estar representando tanto a inocência, como também o renascimento, uma nova vida.

Não é a primeira vez que Galvão faz referência a este sentido, dos correligionários serem os continuadores dos desígnios políticos de Dix-sept Rosado, ou ao menos, de sua herança de como fazer política. No seu discurso pronunciado no sepultamento do político, transcrito por Nascimento (2001, p.04), da publicação do Jornal “O Mossoroense” de 22 de julho de 1951, Galvão assim se refere sobre a continuidade desta obra pelos seus correligionários: “[...] Imobilizado na morte, resta-

nos aos seus amigos, o dever de fidelidade ao seu programa de realização política e administrativa, zelando para que se complete a obra apenas esboçada [...]”.

A continuação da obra política de Dix-sept Rosado não era um objetivo pessoal, algo de interesse individual, mas um chamado para o dever coletivo, uma obrigação com o povo, um compromisso com o bem. Essa temática da atividade política da família Rosado como um chamado à obrigação ou ao dever, é encontrada em várias obras da Coleção Mossoroense. Os Rosado estão na política não por interesse pessoal ou oligárquico, familiar, mas em prol do coletivo, do povo de Mossoró. Não são políticos por profissão, mas altruístas interessados em realizar o bem para o seu povo e sua cidade. Atendem a um chamado ao dever, oriundo de sua formação educacional direcionada para a realização do bem.

## 6. CONCLUSÃO

A Coleção Mossoroense surgiu como desprendimento do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró, cujo objetivo era divulgar as novas aquisições e o acervo da Biblioteca Pública.

Com o passar do tempo e, principalmente na década de 50 – a eleição de Dix-huit Rosado para prefeito de Mossoró foi fundamental para esse início – a Coleção Mossoroense vai assumindo um papel importante na construção simbólica do lugar, a ponto de se tornar um instrumento político e cultural muito importante na cidade.

Vingt-un Rosado cumpriu um papel singular no desenvolvimento da Coleção Mossoroense enquanto instrumento político e cultural importante na construção simbólica da cidade de Mossoró.

Entretanto, a Coleção Mossoroense, através de Vingt-un Rosado juntamente com sua família, só conseguiu estabelecer uma forma da população mossoroense de se ver e de se identificar com a cidade porque associou e foi, ao mesmo tempo, um movimento social (festas cívicas por exemplo), político (a dominação da família) e cultural (os livros e as peças teatrais sobre a cidade). A conjunção da Coleção Mossoroense como e com um movimento social, político e cultural foi capaz de estabelecer uma identidade social, um “constituente subjetivo”.

Para se estabelecer um outro “constituente subjetivo”, é preciso estabelecer um movimento social, político e cultural com a envergadura da Coleção Mossoroense.

A imagem de Dix-sept Rosado em muito se deve ao trabalho desenvolvido por Vingt-un Rosado à frente da Coleção Mossoroense. Tal imagem estabeleceu-se em torno de um homem empreendedor, progressista e inovador, de grande capacidade de liderança e oratória (um “condutor de multidões”), popular e carismático, um político honesto e dinâmico. Um heroísmo que tem alguma coerência com a realidade.

Trata-se de um grande empresário. Um homem de negócio empreendedor e dinâmico. Um empresário de sucesso. À frente dos negócios da família, diversificou os ramos e garantiu a riqueza dos Rosados. Isso demonstra alguma liderança, alguma capacidade administrativa, perspicácia empresarial e dinamismo.

Mas tenta-se transferir estas características empresariais para a política. O empresário empreendedor seria um político empreendedor. Com pouco tempo de vida política, não lhe foi possível demonstrar a justeza de afirmar essa transferência. Pelo menos, não nas mesmas proporções.

Na prefeitura municipal de Mossoró, ele realizou diversas obras públicas. Mas nada excepcional. Suas realizações e iniciativas em obras públicas de infraestrutura<sup>36</sup> e no desenvolvimento da instrução popular, por exemplo, não lhe eram exclusivas. Não constituíam em ações extraordinárias, como parece querer fazer crer a Coleção Mossoroense. Antes fazia parte de uma característica de todos os políticos inscritos na vertente política do populismo.

Neste sentido, não pode isso consistir na singularidade de Dix-sept Rosado, que poderia ser caracterizado como um político da vertente populista. Suas realizações e construções na prefeitura municipal foram marcadas por essas idéias políticas. Ações facilmente, na época, identificadas como progressistas e inovadoras.

Evidentemente, os políticos de várias realizações, mesmo que iguais aos outros, podem ser caracterizados também como empreendedores. Nem sequer se deseja aqui minimizar as obras de calçamento e iluminação pública de uma cidade. Mas chama-se a atenção para o fato de isto ser uma característica comum a determinados políticos em um contexto histórico específico do Brasil. Portanto, não é uma singularidade política de Dix-sept Rosado.

Mas também não se pode considerá-lo como essencialmente um político populista. Ele tinha diferenças até com os próprios políticos identificados localmente com as idéias populistas. Por isso que sua viagem para o Rio de Janeiro tinha como objetivo apaziguar os ânimos entre, inclusive, os políticos identificados localmente como populistas alinhados a Café Filho.

Esta situação, que desagradou até os seus aliados, pode aparentar o seu norteamento político com um pragmatismo pessoal mais do que com as idéias populistas. Mas isso é só aparência. O que norteava Dix-sept Rosado não era um pragmatismo pessoal.

---

<sup>36</sup> Não se pode esquecer, inclusive, que as obras de calçamento, por exemplo, importantes na época e que caracterizavam como progressistas as ações dos políticos que as realizavam, eram importantes para o empresário Dix-sept Rosado no escoamento mais ágil de sua produção mineira.



O que o marcava, ou seja, sua característica singular não era a sua identificação com as idéias populistas. Antes das idéias populistas, são os seus valores familiares que o tornam singular, pois foram ensinados por seu pai, Jerônimo Ribeiro Rosado.

É essa identificação com a localidade que faz Dix-sept Rosado ensejar um nacionalismo regional, um certo bairrismo. Cumprimentar a todos da cidade, visitar o mercado público, isto o tornava carismático e, portanto, popular. Essa identificação com a localidade o fez parecer identificado com os populares.

No contexto social mais amplo, a identificação dessas atitudes com o populismo e, por conseqüência, como um político progressista, dinâmico, inovador, carismático e popular, deu-se por força da época. A inserção popular lhe resultou na característica de “condutor de multidões”. Ele foi tudo isso, mas dentro de um contexto histórico determinado, não por características pessoais ímpares.

Político honesto, provavelmente, já que não se sabe de nenhuma dúvida sequer sobre a lisura de sua administração.

Um grande orador? Também isso seria provável, já que era conhecedor dos discursos políticos e leitor assíduo deles nos jornais.

Todas essas características o aparentam como um político populista. Mas, na realidade, antes de um político populista, Dix-sept Rosado é identificado com um lugar, um nacionalismo regional, um dever com a cidade em que se estabelece. O populismo apenas foi uma forma de fazer política que casou com suas ações.

Um homem de qualidades singulares, decerto, mas um homem. Não um personagem heróico, mitológico, de características excepcionais. Mas qualidades, inclusive, apreciadas e desenvolvidas dentro de um contexto histórico específico e determinado nacional e localmente. Este é o Dix-sept Rosado.

A Coleção Mossoroense realça essas qualidades para que os políticos atuais da família Rosado possam estabelecer uma continuidade em suas práticas políticas contemporâneas.

## 7. BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA Mossoroense de Publicidade e Diversões. **Divulgação:** 1951. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série B, v. 1099).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes.** Recife: Cortez, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado:** nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1999.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e produção:** desvelando e (re)construindo textos. João Pessoa: UFPB, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Tradução de Michel Lahud e Lara Frateschi Vieira.

BARBOSA, Rosemary Evaristo; OLIVEIRA, Maria Angélica de; LUCENA, Ivone Tavares de (orgs). **Análise do discurso:** das movências de sentido às nuances do (re)dizer. João Pessoa: Idéia, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAZ, Emanuel Pereira. **A abolição da escravidão em Mossoró.** Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1999. (Coleção Mossoroense, Série C, n. 1105).

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História:** novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

CHACON, Vamireh. **Região e tradição no jovem Gilberto Freire.** Texto fotocopiado. p.34-37.

CHARTIER, Roger. A história entre a geografia e sociologia. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.203-222.

COLEÇÃO MOSSOROENSE. Disponível em : [http://www.colecaomossoroense.hpg.ig.com.br/inform\\_64.htm](http://www.colecaomossoroense.hpg.ig.com.br/inform_64.htm), acessado em 02 de fevereiro de 2005.

CORSETTI, Berenice; PADRÓS, Enrique Serra; BERGAMASCHI, Maria Aparecida et all (orgs). **Ensino de História:** formação de professores e cotidiano escolar. Porto Alegre: EST, 2002.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1440 – O liso e o estriado. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Ed 34, 1997. p. 179 – 214.

DIÁRIO DE NATAL. **Mossoroenses.** Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2044).

DUARTE, Arita Salem. **Eu também não esqueci:** recordando fatos políticos com os amigos. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2096).

ESCÓSSIA, Lauro da. **Cronologias mossoroenses:** quando, como e onde aconteceram os fatos. Mossoró: Fundação José Augusto, 1983. (Coleção Mossoroense, n. 182).

FELIPE, J. Lacerda Alves. **Mossoró:** um espaço em questão. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1980. (Coleção Mossoroense, n. 141).

\_\_\_\_\_. **A (re)invenção do lugar:** os Rosados e o “país de Mossoró”. João Pessoa-PB: Grafset, 2001.

\_\_\_\_\_. **O papel da Coleção Mossoroense na cidade de Mossoró:** política, história e sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. XII Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 07 a 11 de agosto, 2006.

FERRO, Marc. **A História vigiada.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção O homem e a História).

FERREIRA, Brasília Carlos. **O sindicato do Garrancho.** São Paulo: Fundação Vingt-un Rosado, 1989. (Coleção Mossoroense, série C, n. 182).

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História:** como o historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado.** Mossoró: ESAM, 1982. 115p. (Coleção Mossoroense, série C, n. 189).

GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa educacional:** quantidade-qualidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GERRATANA, Valentino. Stálin, Lênin e o marxismo-leninismo. In: HOBBSBAWM, Eric J. (org.). **História do marxismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.221-256, v. 9.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). introdução. In: \_\_\_\_\_. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.09-23.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<http://www.flogrn.com/mossoro/publicacoes.htm>, acesso 02.02.2005.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Historiografia brasileira contemporânea: a história em questão**. Petrópolis: Vozes, 1981.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LIMA, A. Antunes de. **São 110 anos dos Rosados de Mossoró fazendo o bem ao Rio Grande do Norte**. Coleção Mossoroense, série B, n. 1900, novembro de 2000.

MAIA, Jerônimo Dix-Sept Rosado. Abastecimento d'água e saneamento. In: ROSADO, Vingt-Un. **Alguns apontamentos sobre a batalha da água em Mossoró**. Mossoró: Prefeitura Municipal de Mossoró, 1967. p.100-116. (Coleção Mossoroense, série C, n. 20).

\_\_\_\_\_. **Atividades culturais do segundo ano da minha administração municipal**. Mossoró-RN: ESAM, 1991. (Coleção Mossoroense, série B, n.1064).

\_\_\_\_\_. **Batalha da Cultura: 1948-1949**. In: ROSADO, Vingt-Un et al. **Notícias sobre a Batalha da Cultura**. João Pessoa: UFPB, 1978. p.79-86. (Coleção Mossoroense, série C, n. [?]).

\_\_\_\_\_. **Falas e relatórios dos presidentes de província do Rio Grande do Norte: 1874 a 1882**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série G, n. 06).

MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14.ed. Petrópolis: Cortez, 1994.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica – 1933 a 1974**. 8.ed. São Paulo: Ática, 1994. 303p

MUNIZ, C. César. **Catálogo dos 3.000 títulos da Coleção Mossoroense**. Mossoró: Governo do Estado do RN, 1999. 110p. (Coleção Mossoroense, série C, v. 1110).

NASCIMENTO, Geraldo Maia. **A morte de Dix-sept Rosado na imprensa**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2019).

\_\_\_\_\_. **Dix-sept Rosado e o Aero Clube de Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2084).

\_\_\_\_\_. **Mostra de imagens de Dix-sept Rosado**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2082).

NATALTRIP. **Nossa terra: Governador Dix-sept Rosado**. Disponível em: [http://www.nataltrip.com/cidades/governador\\_dix-sept\\_rosado](http://www.nataltrip.com/cidades/governador_dix-sept_rosado), acessado em 07 de fevereiro de 2005.

NUNES, Raimundo. **Dix-sept Rosado: 30 anos depois**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1981. (Coleção Mossoroense, v. 173).

PAIVA NETO, Francisco Fagundes. **A construção do mito do herói-civilizador: Macondo-Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1293).

PREFEITURA MUNICIPAL de Mossoró. **O nome**. Disponível em: <http://www.prefeiturademossoro.com.br/história.php>, acessado em 23 de dezembro de 2006.

ROLIM, Isaura Ester F. Rosado. **Bibliografia de e sobre Dix-Sept Rosado no Boletim Bibliográfico e na Coleção Mossoroense**. Mossoró: ETRN/UNED/SECD, 1995. 4p. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1308).

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político: nota de trabalho. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, nº 30, p.09-22, 1995.

\_\_\_\_\_. **Gente de Mossoró**. Natal: ETRN-UNED de Mossoró, 1978. (Coleção Mossoroense, série C, n. 845).

\_\_\_\_\_. **Outras lembranças de Dix-sept**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2011).

\_\_\_\_\_. **Território e gente de Dix-sept moram no coração dos vinte um**. Coleção Mossoroense, série C, n. 1344, dezembro de 2002, p. 43-44: a universidade de Dix-sept.

ROSADO, América. **Repercussões da Coleção Mossoroense**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1291).

ROSADO, Antonio. **A oligarquia Rosado**. Natal-RN: ETFERN-UNED de Mossoró, 1997. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1418).

ROSADO, Carlos Alberto de Souza (org.). **Seminário Dix-sept Rosado: 5 meses de Governo, 50 anos de história**. Mossoró: SerGraf, 2001.

SEREJO, Vicente. **Dix-sept, a notícia de uma dor**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2030).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação do mando**. Mossoró: Queima-Bucha, 2004. (Coleção SBEPC).

\_\_\_\_\_. **O papel da Coleção Mossoroense na cidade de Mossoró: política, história e sociologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. XII Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 07 a 11 de agosto, 2006.

SILVA, Raimundo Nonato da. **Dix-Sept Rosado: retratos falados de uma geração**. João Pessoa: UFPB, 1981. (Coleção Mossoroense, série C, n.145).

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional**. São Paulo: Moderna, 1984. (Coleção Contemporânea).

SORIANO, Raul Rojas. **Guía para realizar investigaciones sociales**. 30. ed. México: Plaza y Valdés, 1998.

SOARES, Carlos Ernani Rosado. **Dix-sept Rosado**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2031).

SOUZA, Francisco Fausto de. **História de Mossoró**. João Pessoa: Universitária, 1979). (Coleção Mossoroense, Série C, n. 96).